

# MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL

OUT 1941



O Embaixador  
da  
Inglaterra  
consagra, numa  
festa  
comovente,  
os trabalhadores  
do mar



# B. B. C.

## A Voz de Londres fala e o Mundo acredita

### Noticiário em Língua Portuguesa

Hora de Verão	Estações	Ondas curtas
13,15 noticiário	G R Z . .	13,86 m. (21,64 mc/s)
13,30 actualidades	G S O . .	19,76 m. (15,18 mc/s)
	G R V . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 (*) noticiário	G S C . .	31,32 m. ( 9,58 mc/s)
22,15 actualidades	G S B . .	31,55 m. ( 9,51 mc/s)
	G R T . .	41,96 m. ( 7,15 mc/s)

(\*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V

## Sumário

NO 131.º ANIVERSARIO DA BATALHA DO BUSSACO, de Rocha Martins

REFLEXOS DO MUNDO

O GENERAL JOHN DILL, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

A CIDADE INVENCÍVEL

A FESTA DOS PESCADORES DE SEZIMBRA

TRABALHADORES DO MAR, de Rodrigo de Melo, fotos de J. Lobo

QUANDO CHURCHILL ESTEVE NA INDIA

A ARMADA INGLÊSA DOMINA POR COMPLETO O MEDITERRANEO

UM NOVO SISTEMA DE ABRIGOS SUBTERRANEOS DE LONDRES

A AMÉRICA CONTRA A ALEMANHA

DUPLA PÁGINA DE GUERRA

RAID NOCTURNO A BERLIM

O MAR É DA INGLATERRA

CURIOSIDADES DE LISBOA, UMA IGREJA ESCONDIDA

«MERRY ENGLAND»

FIGURAS E FACTOS

A CONFERÊNCIA DE MOSCOVO, por Carlos Ferrão

ACTUALIDADES DO ESTRANGEIRO, dupla página

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

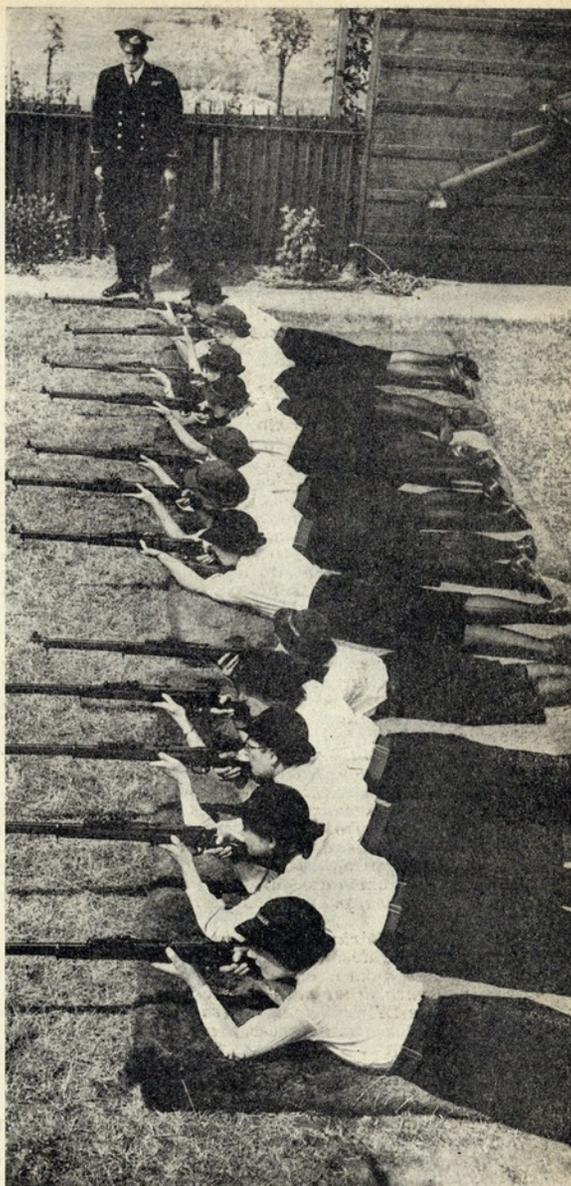
SPORT. JOGOS ATLÉTICOS NA INGLATERRA

REGRESSO, novela de Cristiano Lima

A FAÇANHA DUM PILOTO

COMO SE LANÇA UMA MODA, crónica alegre de Pigmaleão Pires

CINEMA, de António Lourenço



*Tôda a Inglaterra está em armas. Até as mulheres participam na defesa sagrada da Pátria*

## HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

É vendida em todas as farmácias e drogarías

Vicente Ribeiro & Carvalho  
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237  
LISBOA



*Canelas & Figueiredo, L.<sup>da</sup>*

PRODUTOS COLONIAIS  
CORREIAS E MANGUEIRAS  
"GOODYEAR"

Telef. 25058

RUA DOS FANQUEIROS, 46 // LISBOA

# NO 131.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DO BUSSACO

(27 DE SETEMBRO DE 1810-1941)

de ROCHA MARTINS

**A**NDRÉ MASSENA, príncipe de Essling, duque de Rivoli, «o Filho Querido da Vitória», herói de Marengo e de Zurich, chefe de guerra cuja acção, sempre celebrada, o elevava à máxima fama militar, invadiu Portugal.

Era a terceira vez que os exércitos de Napoleão pretendiam dominar o nosso país onde, dessa vez, encontraria o exército anglo-luso sob o comando do general Arthur Wellesley, o futuro lord Wellington e vencedor do imortal corso, em Waterloo.

As legiões francesas passaram como uma avalanche, através da Espanha: o brigadeiro Cox capitulara em Almeida, Wellesley ao saber da invasão após os destroços de Ciudad Rodrigo e da nossa praça fronteiriça, mandara evacuar as aldeias e vilas, incendiar as habitações, depois de retirar as colheitas, fazendo de cada lugar um deserto, remetendo os fugitivos, em exodo, para a retaguarda e retirando sempre.

No dia 16 de Setembro de 1810, os invasores foram avançando pela Beira Alta onde só encontravam ruínas; o quartel general deteve-se em Viseu; as avançadas marcharam sobre Coimbra; as divisões de Merle e o corpo de exército de Reynier iam perseguindo os anglo-lusos que os atraiam para as alturas do Bussaco. Já não encontrariam tropas de formaturas do acaso mas caçadores expeditos, cavaleiros dextros, artilharia valorizada, infantes sabedores da tática e o moral levantado dum povo que confiava nas suas armas e nas dos aliados. Em vez de corpos de exército anfíbios, prontos a lançar-se nos navios, Massena topava organizada e formidável resistência.

Ungiam-se, os portugueses, duma frase de Pombal, sempre repetida: «cada um em sua casa, pode tanto que mesmo depois de morto, são precisos, pelo menos quatro homens para o tirar de lá».

Parecia fácil a vitória embora para trás das forças francesas, se encontrasse a desolação. Mulheres, crianças e velhos, os homens válidos estavam nas fileiras, lá iam chorando por aquelas terras onde parecia ter passado a cólera de Deus.

Na manhã de 27 de Setembro, travava-se a batalha que se denominaria do Bussaco. Estava-se, em frente dos maiores soldados do mundo naquela implacável luta que Napoleão movia à Inglaterra.

A Península tornara-se um vasto campo de pelejas e no seu solo empapado de sangue, ia germinando a derrota do Cesar.

Não eram soldados do acaso que se batiam; glórias militares os comandavam e a sombra idolatrada de Napoleão assistia-lhes com o seu facho de triunfos. Os soldados franceses vibravam com a glória, sem par, do seu imperador.

Lançavam-se, impetuosamente, contra o exército anglo-luso, saudando nos seus brados a figura augusta do chefe que parecia possuir o sêgrêdo das vitórias.

A primeira investida desalojou o regimento 8 da infantaria portuguesa mas a artilharia ralhou e os assaltantes caíram atrás dos seus oficiais que se batiam de espada em punho ou disparavam as espingardas. Depressa a força que recuava foi atirada para o desagravo. O 88 e o de infantaria britânicas, apoiaram-nas; os bravos Wallace, Douglas e Meade estavam na arremetida com aqueles portugueses cujo baptismo de sangue se feria aos lampejos dos primeiros raios do sol da manhã de Setembro nas alturas do Bussaco. A luz era a veste candida; a glória a água lustral.

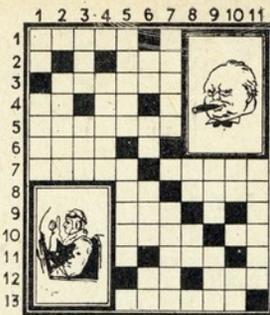
Retumbavam as peças; confundiam-se os combatentes nos arrancos loucos da ânsia de vencer.

Ney arremetia as suas divisões; Wellesley assistia às derrotas do grande chefe. Oficiais portugueses, como os coroneis Palmerin, Luis do Rego, Champalimaud e Cardoso Souto Maior batendo-se ao lado dos britânicos Hill e Armstrong, consagravam-se naquela comum defesa da terra invadida.

As linhas de Torres Vedras, que um oficial de engenharia português, o coronel Neves e Costa, de há muito indicara como baluarte, tinham sido fortificadas por Wellesley e seriam os bastiões contra os quais se quebrariam os extensos assaltos dos invasores.

O exército anglo-luso vencera a batalha do Bussaco cujo 131º aniversário passou agora, em 27 de Setembro. Massena perdera quatro mil e quinhentos homens; e muitos prisioneiros, os generais Simon, Foy, Grandorge estavam feridos e as cornetas e clarins franceses soaram na ordem de retirada.

No decorrer da campanha, sucederam-se os latrocínios, os incendios, os assassinios em Mortagua, Soure, Arazede, Redinha,



PROBLEMA N.º 24

HORIZONTAIS

- 1 — Em tempo algum — Consoante.
- 2 — Artigo — Vogal — Discurso laudatório.
- 3 — Numerosos.
- 4 — Caminhar — Uma (ant.) — Vogal.
- 5 — Estiveram em agradecimento.
- 6 — Licor — Consoante.
- 7 — Aditar — Porção indeterminada.
- 8 — Fazes parte — Tempo do verbo «ser».
- 9 — Também não — Artigo definido. — Consoante.
- 10 — Pronome possessivo — Conjunção que designa «alternativas».
- 11 — Vogal — Tam — Cinquenta.

- 12 — Pedra de moinho — cauda.
- 13 — Pequena quantidade (Plural)

VERTICAIS

- 1 — Articulação dos dedos — Viagens.
- 2 — Vogal — Carro para andar sobre o gelo.
- 3 — Descoberta — Cheguei.
- 4 — Cem — Nudez.
- 5 — Lugar onde se celebra missa — Cerce — Consoante.
- 6 — Dormir — Fluido aeriforme — Dele — Montão.
- 7 — Nivelem — Consoante — Extinguiu.
- 8 — Campeão — Sadia — Consoante.
- 9 — Hora do officio divino entre as sextas e as vésperas — Vazio.
- 10 — Planta liliácea, originária da China — Vogal — Artigo (pl.) —
- 11 — Beija.



Solução do problema n.º 23

SE ALGUMA FOTOGRAFIA  
PUBLICADA NO  
**MUNDO GRÁFICO**  
LHE INTERESSA

PODE ADQUIRI-LA  
NA ADMINISTRAÇÃO

Arega, Linde, Oliveirinha e Coimbra. Era desespero das batalhas perdidas. Napoleão, cativo em Santa Helena, dizia que os elos da cadeia que o ligava aquele rochedo, tinham sido forjados na Península, e, sobretudo, em Portugal, onde criara uma escola para os soldados ingleses.

Alexandre I da Rússia, ao preparar a sua guerra contra Napoleão, escrevera, em 1812, ao rei da Prússia, convidando-o para o auxiliar na luta:

«O sistema que deu a vitória a Wellington, esgotando os exércitos franceses, é o que estou resolvido a seguir»

Tinham-se formado duas escolas de guerra, citadas por dois imperadores. Sem o campo de manobras de Portugal, Wellington não poderia ensaiar a sua formidável tática que custou destroços e ruínas mas assegurou o triunfo naquela, então imprescindível, fraternidade de armas anglo-lusas.

# REFLEXOS DO MUNDO

## Um francês



Um capitão aviador francês acaba de se juntar às forças livres, como têm

feito tantos outros. Este, porém, bateu, talvez, o «récord» em viagem demorada.

Éle que antes da guerra ia de Paris a Londres em algumas dezenas de minutos levou agora 6 meses para fazer o mesmo percurso.

Antes esse caminho tinha umas escassas 250 milhas e agora teve de percorrer sete mil. Não se pode dizer que os aviadores sejam sempre os mais rápidos...

Ocultando sempre as suas intenções foi de Paris a Marselha, a Casablanca, à Martinica, a Miami, Nova York, a Montreal e só daqui, atravessando pela segunda vez o Atlântico, dirigiu-se a Londres.

Disse no fim que tinha sido um agradável cruzeiro de férias, em que brilhara no término a esperança de servir o seu país.

## Um «pipeline»

Há meses que no Médio Oriente se concentram as atenções de todo o mundo.

O iman que os atrai é o precioso líquido que dá pelo nome de petróleo, conduzido para os portos de embarque nas «pipelines».

Uma das «pipelines» que atravessa 6 países do Iraque até Tripoli, na Síria e tem 1.600 milhas de extensão, foi construída por Lord Cadman que morreu ao iniciar-se a luta no Iraque.

Custou 10.000.000 de libras, daquelas libras reluzentes que são o nervo da guerra.

## Solidariedade

Caleb Edmunds trabalhava numa fábrica numa cidade do

Pais de Gales e teve de recolher a casa doente. Os médicos declararam que seria bom o enfermo tomar sumo de laranja.

As laranjas, porém, são raras neste tempo. Sua mulher percorreu a vizinhança, recolhendo tantas laranjas que teve de entregar as que não necessitava ao hospital da cidade.

Edmunds em breve voltará ao trabalho a crer que a solidariedade entre camaradas não é apenas uma palavra vã.

## O tio de Roosevelt



Teodoro Roosevelt, o grande presidente americano, tio do actual presidente, acabou o seu período de governo organizou uma grande excursão venatória através da África.

Foram às centenas os exemplares que o grande político caçara nas armadilhas ou abatera com a pontaria certa da sua espingarda. Muitos jardins zoológicos conservam ainda exemplares desses ou deles descendentes.

Na primavera de 1910 o homem que também sabia defender-se dos inimigos como das feras ia chegar a Londres e estava lhe reservada imponente recepção. Nessa altura o jornal humorístico «Punch» aconselhava a colar aos leões da coluna do Nelson, em Trafalgar Square, para conhecimento de Roosevelt e evitar-lhes enganos, uma taboleta com um aviso: «Estes leões não são para caçar.»

## Crítica de guerra

A vida literária inglesa continua, apesar da guerra. Todas as semanas as montras de livrarias aparecem renovadas e bem renovadas e são mais ainda os que

não encontram um lugat nas exposições dos livreiros porque o leitor não sentiria aguçado o apetite com a vista deles.

De tais livros — poesia e prosa — era provavelmente um exemplo, certo volume de poemas recentemente criticado numa revista literária inglesa. Dizemos provavelmente porque podia também ser demasiada severidade do crítico, ou má vontade dele.

Após meia coluna de prosa em que a pena do crítico não se inflama — bem longe disso — ao contacto dos versos do autor, termina assim: «Se a «blitz» não tivesse acabado, ou se ela recommençar e uma bomba vier a destruir toda a edição o Senhor... pode conservar a fama de poeta e com o louro de poeta obterá a auréola do martírio...»

## A ABERTURA DA CAÇA



O TIO SAM JÁ PEGOU NA ESPINGARDA

## NEOGRAVURA LIMITADA

Únicas oficinas de Rotogravura no País

Bilhetes Postais ilustrados  
Folhetos de propaganda turística e comercial  
Catálogos, Revistas, etc.  
pelo processo gráfico mais indicado



Trabalhos tipográficos de todos os sistemas

Agência Geral:

Rua Nova do Almada, 53-2.º  
Telefone 2 4206

Officinas:

Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4-10  
Telefone 6 4426

**Quere ganhar dinheiro?**  
**Anuncie no MUNDO GRÁFICO**



JOHN DILL

O actual chefe do exército britânico é uma figura cheia de prestígio e de dignidade profissional. O seu passado e a reputação indicavam-no, há muito, para o desempenho do cargo que actualmente exerce. O escrúpulo e a habilidade com que tem desempenhado as suas funções contribuíram para dar um realce maior ao prestígio de que justamente disfrutava entre os seus camaradas e nos meios militares dos outros países.

O general John Dill nasceu em 1881 e entrou no exército aos vinte anos. Serviu primeiro nas forças coloniais distinguindo-se na África do Sul e na Índia. Tomou parte na grande guerra, conquistando, pelos seus feitos, merecidas recompensas. Embora canhecendo os vários aspectos da guerra continental, especializou-se nas campanhas ultramarinas e tornou-se rapidamente um dos teóricos mais competentes de assuntos militares coloniais.

Em 1936 assumiu o comando superior das forças britânicas concentradas na Palestina num período particularmente difícil. O general John Dill confirmou, nessa ocasião, durante as negociações laboriosas e delicadas com alguns chefes locais as suas excepcionais qualidades de tacto que não excluem uma energia serena e reflectida.

Em setembro de 1940 foi nomeado chefe do Estado Maior do exército britânico, cargo que corresponde ao comando em chefe. A partir dessa data, o general John Dill tem exercido, simultaneamente, com as funções do seu cargo tarefas de colaboração diplomática da maior importância. Na primavera de 1941 acompanhou o ministro dos estrangeiros Anthony Eden, na sua viagem ao norte de África e aos Balcãs, a fim de pôr de acôrdo os planos militares da Gran-Bretanha e dos seus aliados no Próximo Oriente e no Sueste europeu.

Recentemente acompanhou o Primeiro Ministro, Winston Churchill, durante a sua viagem e as suas entrevistas com o presidente da república norte americana, distinguindo-se em todas as ocasiões, pelo seu apuro.

## As palavras e a acção

O mundo está em presença duma aliança militar anglo-americana que é a consequência fatal, inevitável da conferência do Atlântico. Não era de acreditar que o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha e o presidente da república dos Estados Unidos se encontrassem no alto mar e conferenciassem durante quatro longos dias para afirmarem simplesmente a solidariedade dos seus pontos de vista ou para reduzirem o seu encontro a uma troca de cumprimentos protocolares.

Os dois homens de Estado acordaram, em primeiro lugar, num plano político de acção comum. E' o que se encontra consubstanciado na declaração dos oito pontos. Nada custa dizer que êsses oito pontos repetem os catorze pontos de Wilson. A' semelhança entre uns e outros revela-se duma franqueza impressionante. Não será essa semelhança que, precisamente, lhes dá importância e lhes empresta, para o futuro, possibilidades de realização e de proporção que antes do histórico encontro do Atlântico mal poderiam vislumbrar-se nos continentes europeu e americano?

Independentemente dos projectos políticos, o Primeiro Ministro e o presidente da república norte americana trataram assuntos mais urgentes de carácter económico e militar. Os primeiros dizem respeito à produção e à distribuição de matérias primas, material de guerra e géneros alimentícios e envolvem, a prazo mais ou menos longo, negociações com a U. R. S. S. São, por assim dizer, o prologo da conferência tripartida que imediatamente se anunciou e cuja realização foi inicialmente marcada para a segunda quinzena de setembro.

A segunda equivalet ao estabelecimento de uma aliança militar com os respectivos acôrds de estados maiores. Outra significação não podia, de certo, atribuir-se à presença, junto de Churchill e de Roosevelt, dum numeroso cortejo de colaboradores técnicos, entre os quais se contavam os chefes supremos do exército, da marinha e da aviação dos dois países. O general Marshall e o almirante Stark, do lado americano, o general Dill e o almirante Dudley Pound, do lado inglês, conversaram demoradamente. O seu acôrdo, afirmado em palavras, desde a primeira hora, começou já a traduzir-se em actos de consequências incalculáveis.

Que afirmou, em resumo, o presidente Roosevelt no seu último discurso? Que os submarinos e os navios de superfície das potencias do «eixo» entrariam na zona do Atlântico considerado essencial para a defesa do hemisferio ocidental por sua conta e risco. Acrescentou que dera ordem às unidades da esquadra norte americana, em cruseiro, e em serviço de transporte ou de patrulhas naquele mar para atirarem logo que avistassem qualquer daqueles navios. A ordem fôra dada na qualidade de chefe supremo das forças militares do seu país.

E' inútil pôr em relevo a gravidade e a importância desta declaração. O seu autor teve o cuidado de pôr ambas em relevo. Como o presidente não definiu a zona em que os navios norte americanos passaram a exercer a sua actividade, de acôrdo com as indicações recebidas, surgiram declarações complementares das autoridades navais assinalando que ela abrange as águas que se estendem entre as costas orientais do país e a Islandia. Praticamente trata-se da cooperação efectiva das armadas britânica e norte americana para garantir a liberdade das rotas marítimas. E' natural que esta divisão suscite alguns incidentes. Mas os seus efeitos não tardarão a fazer-se sentir.

O OBSERVADOR

O sr. Presidente da República na sua viagem triunfal que realizou há pouco pelo norte do país não se limitou a receber entusiásticas manifestações, reflexo, em sinceridade e admiração do sentir de toda a Nação. Foi mais longe. Inaugurou algumas pontes — concepções notáveis da nossa engenharia, testemunho eterno duma obra de reconstrução, motivos de arte que enriquecem o patrimônio monumental da Pátria. E essas pontes são, ainda o elo que une populações, aumenta o potencial de vida e a capacidade económica das povoações que serve.

Vão-se assim transpondo os rios, os vales, os declives, multiplicando as artérias rurais que não são apenas trajecto turístico para os olhos embevecidos mas circulação mais intensa de produtos, aproximação humana — e no seu simbolo de geometria arquitectónica como que um sinal de amizade entre as populações.

Assim a natureza já não tem fronteiras dentro do País, mas elementos que tornam mais íntima a nossa convivência nacional. Os monumentos ficam sempre, mesmo que sejam ruínas. Estes que nascem agora desafiam os séculos, consagrando, pela utilidade e pela expressão, a nossa época.

Ha um ano...



Dizia a emissora de Hamburgo: «Apenas devemos considerar a decisão inglesa de continuar a resistir como a demonstração evidente da sua ignorância acerca das terríveis circunstâncias militares em que se encontra».

E a de Roma: «Todo o povo italiano sabe que a derrota total da Gran-Bretanha é uma questão de muito poucos dias».

Por seu turno Berlim afirmava: «Estão a dar-se gigantescas batalhas aéreas. Essas batalhas não são dadas sobre a Alemanha nem sobre qualquer outro ponto do continente. São dadas sobre a Inglaterra. A linha Churchill rompeu-se antes que qualquer soldado alemão pisasse o solo britânico». E Zeezen acrescentava: «Um técnico militar italiano, o general Bilotti, confirma que a conquista da Somália inglesa afastou para sempre a ameaça britânica sobre o império colonial da Itália».

«Mundo Gráfico»

O «Mundo Gráfico» vai entrar no segundo ano de existência. O facto em si revela apenas um significado: que tem leitores, que interessou, que foi uma tentativa feliz transformada em realidade. Para comemorar o facto o próximo número do «Mundo Gráfico» será enriquecido com um mais elevado número de páginas, maior colaboração e mais desenvolvida reportagem fotográfica. Quere isto, simplesmente dizer que se trata dum número especial.

## MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**  
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L<sup>a</sup>

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.<sup>a</sup>, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



UM PARAPEITO DA CIDADELA INTERDITA, QUE, NO LIMIAR DO DESERTO, CRAVOU COM A SUA GARRA DE AÇO, DE FOGO E DE METRALHA, OS EXÉRCITOS INIMIGOS

## A CIDADE INVENCÍVEL

**V**AI para cinco meses a campanha dos Balcãs ameaçava decidir a sorte da guerra na Europa.

Os ingleses eram rapidamente obrigados a concentrar os melhores recursos do que dispunham na defesa das posições do Próximo Oriente.

A atitude decidida da Jugoslávia e a tenacidade indomável da Grécia criaram novas condições de luta no continente. A Gran-Bretanha quis honrar os compromissos que assumira em relação a esses dois países, não ignorando os riscos dessa decisão.

O general Wavel que conduzia vitoriosamente as tropas imperiais de Mersa-Matruh a Benghasi deteve-se nesta cidade.

Uma parte importante dos contingentes que estavam sob as ordens desembarcou nas costas gregas. O que então se passou anda ainda na memória de todos. Um corpo expedicionário alemão, comandado pelo general Rommel, chegou a Trípoli. As suas grandes avançadas galgaram os areais da Líbia. A tarefa realizada ao fim duma campanha de quatro meses parecia irremediavelmente aniquilada.

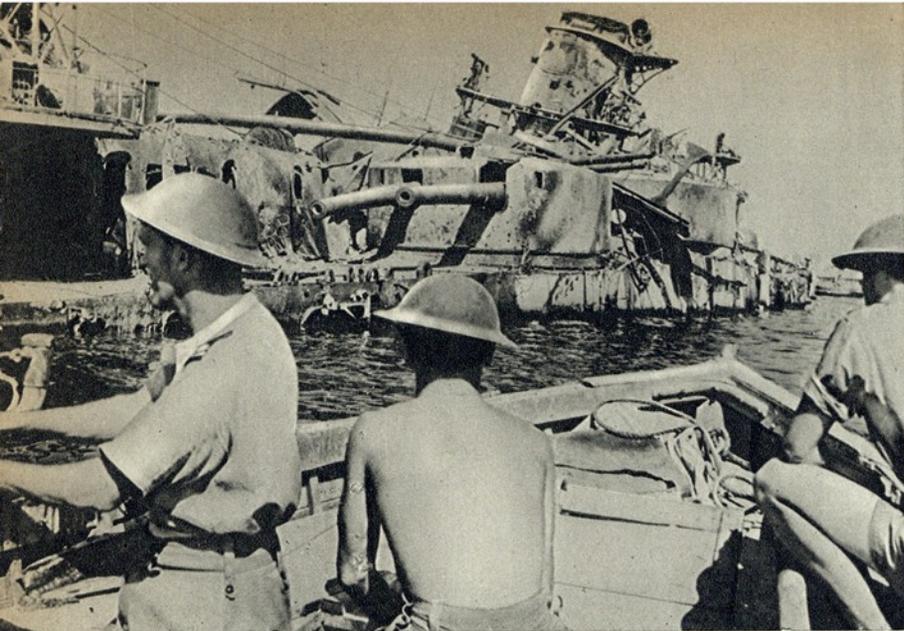
Os alemães não conseguiram, porém, envolver os soldados ingleses cuja retirada constituiu um êxito estratégico apreciável. Mas o velho Egito voltava a estar ameaçado de perto, desta vez por um inimigo especialmente adestrado.

O mundo assistia, ansioso, a essa

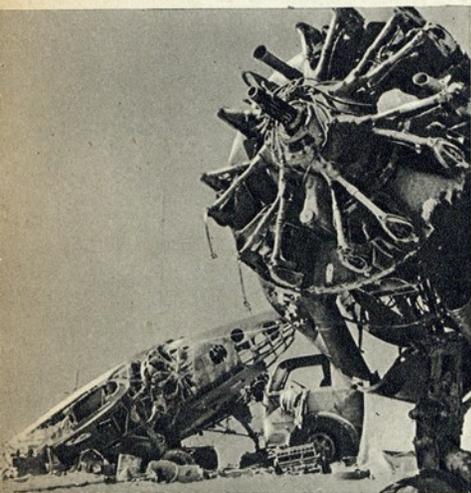
corrida de velocidade que coincidia com as vitórias espectaculosas do marechal List na agitada península balcânica.

De súbito a avançada alemã deteve-se. Um nome começou a aparecer, invariavelmente, nos comunicados do grande quartel general do Cairo: Tobruk. A cidade passou a funcionar como um travão em carro desarvorado. Já lá vão cinco meses.

A sua resistência permitiu realizar as expedições decisivas da Síria e do Irak. Entretanto o exército do Próximo Oriente reconstituiu-se. Não é segredo para ninguém que, com a aproximação da estação favorável, se preparam naquela zona de guerra operações de envergadura. Essas operações decidirão a posse do



Esta montanha de sucata é o cruzador italiano "San Giorgio", que "morreu" nas águas de Tobruk



Eis como ficaram dois bombardeiros inimigos que se atreveram a voar sobre a cidade

continente africano enquanto durarem as hostilidades.

Tobruk, que desempenhou na batalha colonial um papel principal, tem uma organização defensiva especialmente preparada para a função que o comando lhe assinalou. Em volta da cidade, duas cinturas defensivas, uma interior, junto às muralhas, outra exterior feita segundo os moldes mais modernos. Entre estas rédes de fortificações um pequeno deserto. A cidade é abastecida do lado do mar, com o mais poderoso material.

Os seus defensores, australianos, indianos e ingleses, têm a sua valentia proverbial assinalada na história deste conflito por uma designação pitoresca: os ratos de Tobruk. Acocorados nas covas ou instalados nos fortins exercem de dia e de noite, uma vigilância exaustiva. Quando as circunstâncias se mostram propícias

realizam, nas posições do adversário, "raids", de exploração ou de aniquilação.

Os bombardeamentos aéreos das posições britânicas sucedem-se. A população da cidade recebe, de vez em quando, em vez das bombas a que se habituou, manifestos sugestivos: "Rendei-vos se quereis escapar. A vossa sorte está decidida. Não podereis resistir mais tempo" Há cinco meses que estes panfletos constituem a leitura predilecta dos defensores de Tobruk. Um oficial australiano, chegado há pouco de avião ao Cairo, afirmou que eles constituem sempre um motivo de satisfação para os que se batem.

O bom humor tradicional do soldado britânico anima a vida arriscada de Tobruk. Criou-se entre os defensores da cidade desde que começou o cerco uma cerimónia, cada vez mais exigente e concorrida: a inauguração de cozinhas dirigidas por cozinheiros alguns dos quais se dizem especializados no Savoy. Já abriram sessenta destes centros pitorescos de gastronomia.

Nem todos os dias se inaugura uma cozinha nova em Tobruk. Em compensação não há dia nenhum em que os soldados de engenharia não procedam ao trabalho penoso de inutilizar as minas numerosas e potentes, que o inimigo semeia no subsolo. A constância e a habilidade dos sapadores britânicos constituem, desde que se iniciou o cerco, uma das condições essenciais da resistência eficaz da cidade.

Está anunciado. para breve, um sensacional desafio de "cricket" que deve opor os grupos representativos do exército britânico e das forças australianas. Já começaram a fazer-se as inevitáveis apostas. Em Tobruk estão alguns internacionais que vão animar a competição. Entretanto com o desafio de "cricket", é a ofensiva que se prepara em todos os seus pormenores.

C. F.



Tobruk é a maior epopeia da guerra. A sua pequena guarnição que há cinco meses se bate gloriosamente tem repellido tôdas as investidas dos exércitos do "eixo", escrevendo com a sua coragem indômita a página mais vibrante da história do exército imperial inglês



Seizimbra em festa, coroadas de bandeiras nacionais e de pavilhões ingleses, entre a multidão dos seus pescadores, flores, hinos e o cântico grandioso do oceano, recebeu, entusiasticamente, «sir» Ronald Campbell, embaixador da Gran-Bretanha numa vibrante manifestação de amizade ao seu glorioso país

# Trabalhadores do Mar



Dois gigantes que se contemplam um ao outro e, um ao outro, se medem sem quererem reconhecer que qualquer deles é incomensurável: o Mar e o Sol!

Em horas estrugidoras de tormenta, no encrespar leonino de cóleras e desabafos, as ondas, vend' cumulos baixos de nuvens, cuidam morto o Sol.

Se as ondas reagissem com o contentamento lógico e mesquinho dos homens, deveriam, nessas horas, cantar vitória em seu rugir.

Livre do astro poderoso, o mar gigante entoaria onnipotência. Mas não. Não — que as águas são nobres e os seus reflexos não se aparentam com os dos pigmeus...

Serras instáveis — apenas mortas, logo renascidas — os vagalhões ribombam «De-Profundis» em vez de chinfrinarem «Evohe!» O gigante sente a saída do outro gigante.

Vê-se mais turvo; sofre saúdades, que não cala, do esmalte diamantino — cobalto e esmeralda — chovido sôbre êle, da paleta do céu, em metalizações de claridade... *quando o sol era vivo!*

E rebenta a grande arca do peito em soluços, em pragas, em clamores!

Tôda a noite esbraceja e espuma, na insônia da dôr, o grande Mar — na raiva de supôr-se único senhor do mundo para sempre baço, frio, hediondo.

Espreita a madrugada — e o arcoaboiço em fadiga, geme; já não desvaira, em berros...

... Aquela pincelada rosa, a oriente, sabe-lhe a milagre! Mas nem se atreve a esperar... Impossível! O sol morreu... Aquela rosa é mensagem de muitíssimo longe!...

Afinal, a Bola de Oiro (preparada com requinte a sua ressurreição) explende e fascina, dentro em pouco! Imediatamente há o pródigo derramar de esmeraldas e safiras sôbre o luto e a penitência das ondas!

... E estas nunca agradecem, por bizarro pudor. E o sol nunca logrará a inteira convicção de doirar, em riqueza, um Grande Amigo que, por julgá-lo desaparecido, vem de ó chorar tanto!

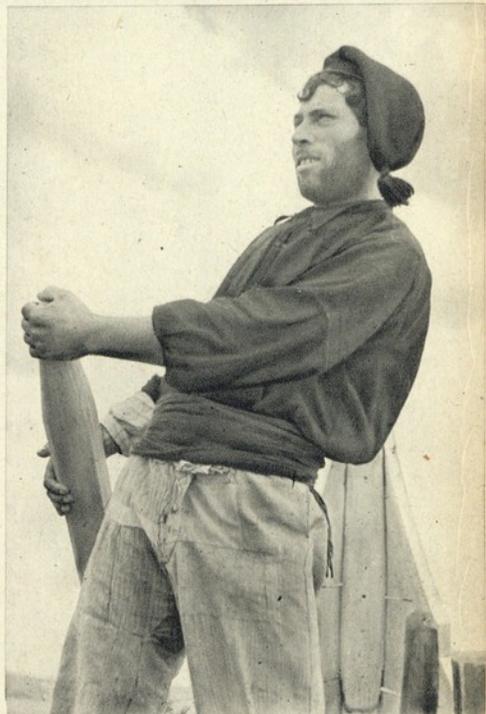
... O que o Sol contempla, é o gigante de sempre, rival resmungão, amodorrado agora — para compensar a noite angustiosa e sem mercê.

Porém, a verdade — nunca a saberá o Sol...

Quem a pode jurar — são êstes Homens pobres e privilegiados, que lançam rédes às vagas prôvidas e olham de frente a luz, como as águilas; que, mesmo encanecidos, emprestam às barcaças geito de brinquedos — porque a alma se lhes mantém criança e só dá conta de grandes perigos ao sentir mais frenético o bailado das casquitas de nós...

Êles, sim — que entendem o pleito de acôrdos e amúos bravios entre os seus dois patronos de humor instável: o Sol e o Mar.

Gostariam de explicar ao Primeiro o transe de afeição em que Êste se debate e nunca lhe confessará por ser tímido e



*O regresso. Mar de rosas. O pescador já diviza a capelinha da sua aldeia em flor, ajoelhada no meio das dunas*



Concertando as redes morenas que tanto peixe têm rocegado nos abismos do mar



Um admirável quadro de beleza marítima que nenhum artista ainda pintou



A sardinha, como prata, viva, reflui na sua prisão. A pesca foi boa. Haverá pão por toda a costa



O filho ao lado do pai no mesmo remo vigoroso, que despêça as ondas. Um dia será arrais



Tá-mar! A companhia rema vigorosamente para a terra, vencendo as ondas traiçoeiras, enquanto ao longe, no areal dourado, as mulheres e as crianças, assistindo à luta eterna do homem com os elementos, pedem a Deus misericórdia, para as suas vidas



As boias da rêde, enroscando-se co-léantes e sinuosas teem o movimento flexível duma serpente



A rede é puxada para bordo da traineira, que vai pescar até ao mar de Marrocos

rude como todos os fortes. Mas o oceano, pleno de pudor e orgulho, suspeita, às vezes, de que os homens querem denunciar a Encoberta Estima. No pavor de parecer brandó, ei-lo em resmungos e epilésias: o exagêro de nevrose precipita o ritmo dansarino das barçaças; as mãos dos homens aperreiam mais os remos ou sujeitãms, mais trãnicas, a roda do leme.

São três, então, os gigantes: Sol... Mar... e Homem!

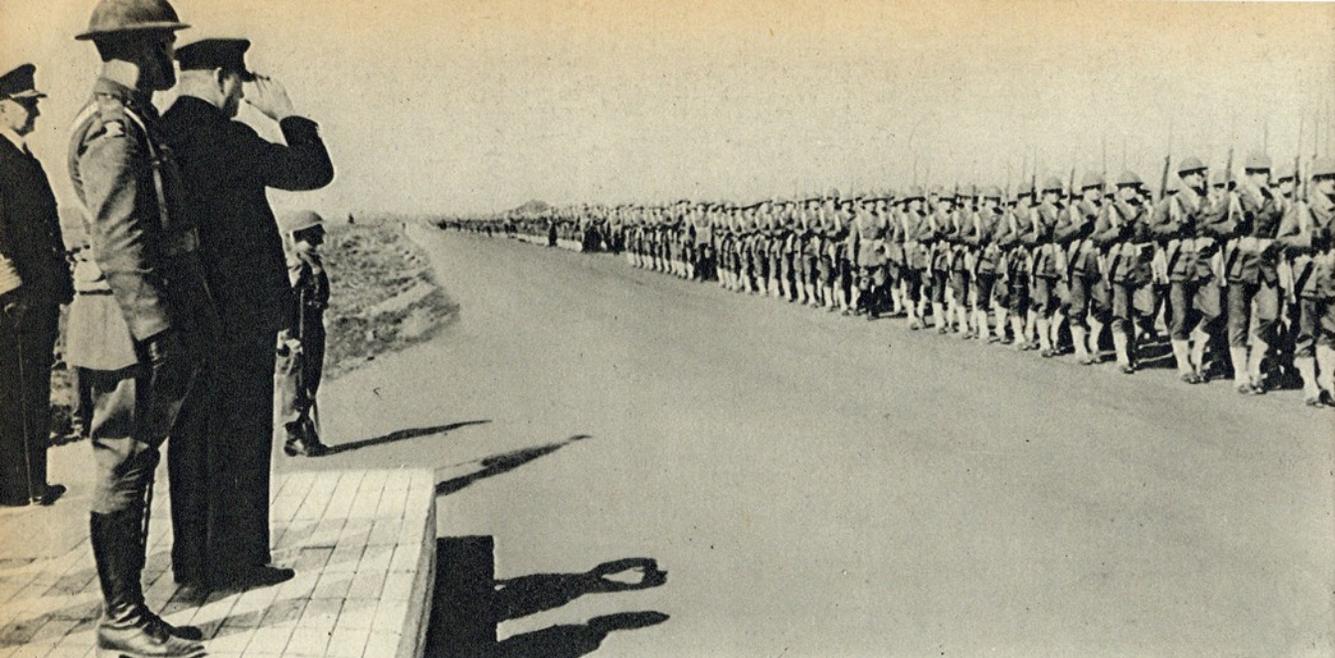
Tão amigos — e tão em luta!

Aos músculos dos titãs somam-se fôrças de Bênção, vinda, em fluidos, da capelita branca — o mais luzente Farol!

... Por isso, os homens raro são vencidos, (e, quando o são, o Mar nunca o faz por mal...) — saindo da hercúlea pugna mais trigueiros, nos estigmas indelêveis dos dois perenes beijos, selváticos mas paternais: o da Luz e o das Ondas.

Raia sempre um Novo Dia... O Homem sobrevive — ou é substituído... A Ermi-da vela... O Mar é eterno!

Rodrigo de Mello



Fraternidade de armas. Na Islândia o primeiro ministro inglês passa em revista as tropas britânicas e americanas que defendem aquela ilha

## Quando Churchill esteve na Índia

A minha primeira incursão no domínio do polo indiano foi dramática. Seis semanas depois de desembarcarmos realizou-se em Hyderabad o campeonato para a taça Golconda. A capital do domínio do Nizam e as guarnições britânicas da vizinhança tinham cinco ou seis «equipes» de «polo». Entre estas contava-se a do regimento n.º 19.º de hussares que vínhamos substituir em Bangalore. Entre os homens do 4.º e do 19.º de hussares as relações eram tensas. Dizia-se que um soldado do 4.º fizera referências desagradáveis ao estado de aço em que tinha sido deixado o quartel do 19.º. O caso passara-se há uns trinta anos. Já não existia nenhuma das pessoas que tiveram intervenção no caso. Mas os soldados e os sargentos do meu tempo não ignoravam nenhum dos pormenores do que se tinha passado e mostravam-se tão irritados como se o incidente se tivesse dado um mês antes. Este estado de espírito não se propagara aos oficiais e nós fomos recebidos da maneira mais cordial na «mess» do regimento. Nessa altura partilhei o «bungalow» dum jovem capitão, chamado Chetwood, que é agora comandante em chefe na Índia. Além das «equipes» das outras guarnições tínhamos dois formidáveis adversários nas «equipes» índias de Vicar Al Umra, «equipe» do Primeiro ministro, e na «equipe» da própria guarda do Nizam. Esta última, «equipe» de Golconda, era tida como a melhor da Índia meridional. Tinha alcançado numerosas vitórias sobre os Patiala e os Jodhpore, principais «equipes» indígenas do norte. Tinha à sua disposição riquezas que bem se evidenciavam nos «poney». E possuía uma maestria completa no jogo do «polo» que nessa época entusiasmava os oficiais índios e os oficiais ingleses.

Acompanhados pelos «poney» que tínhamos comprado, pusemo-nos a caminho, ansiosos mas decididos, para a nossa longa viagem através do Deccan. Fomos recebidos pelos oficiais do 19 que nos informaram, com as lamentações que o caso exigia, que teríamos de defrontar na primeira volta a «equipe» de Golconda. Sinceramente lamentaram a nossa infelicidade porque era, efectivamente, uma infelicidade, ter de defrontar, tendo chegado há tão pouco tempo à Índia, a «equipe» que, com toda a certeza, alcançaria a vitória final.

Durante a manhã assistimos a uma revista da guarnição. As tropas britânicas, as tropas índias, e as forças do Nizam desfilarão, com um ar marcial, na nossa frente e na presença das entidades oficiais. Eram acompanhadas por uns vinte elefantes que puxavam um canhão gigantesco. Era costume, nesse tempo, os elefantes saudarem as autoridades levantando a tromba.

Todos fizeram isso, com uma precisão exemplar. Mais tarde aboliram este costume porque houve pessoas mal educadas que se sorriram o que melindrou os elefantes e os seus guardas. E aboliram os próprios elefantes e os canhões passaram a ser puxados por tractores, sendo cada vez mais ruidosos e mais destruidores. É assim que a civilização progride. Por minha parte lamento os elefantes e a sua sorte.

A tarde realizava-se o desafio de «polo» que era, em Hyderabad, um espectáculo notável. O terreno do jogo estava cheio de gente. Índios de todas as categorias acompanhavam o jogo com a maior atenção. As tribunas decoradas e cobertas por um toldo estavam cheias de ingleses e de índios de categoria. Esperava-se que fôssemos uma presa fácil. Quando os nossos adversários, ágeis e hábeis, marcaram rapidamente três pontos a zero,

nos primeiros minutos, nós próprios partilhámos a opinião geral. Sem querer entrar em pormenores que, embora importantes foram esquecidos por outros acontecimentos mais graves, acabámos por bater os Golcondas por nove pontos a três, no meio dos aplausos da multidão. Nos outros dias batemos, sem dificuldade, os outros concorrentes, estabelecendo um «récord» único, cinqüenta e cinco dias depois de termos desembarcado na Índia.

O leitor imaginará facilmente o entusiasmo com que nos dedicámos à tarefa de alcançar o nosso objectivo supremo. Mas deviam passar ainda alguns anos antes que o pudessemos atingir.

Embarquei em Bombaim, com um calor tórrido, um tempo muito feio e um mar agitado. Só deixei de enjoar depois de ter percorrido dois terços do Oceano Indico. Travei então conhecimento com um coronel alto e magro que estava encarregado de dirigir a escola de tiro na Índia. Chamava-se Ian Hamilton e disse-me uma coisa que, até esse momento, não chegara ao meu conhecimento: esperava-se que, em breve, estalasse uma guerra entre a Grécia e a Turquia.

Quando chegámos a Port-Saïd os gregos já estavam vencidos. Com prudência e rapidez tinham-se furtado a uma luta desigual. O trabalho da diplomacia consistia em evitar que fôssem completamente destruídos. Em lugar de seguir para os campos de batalha da Trácia, passei quinze dias em Itália, fazendo a ascensão do Vesúvio e visitando Pompeia e Roma.



A bandeira dos Estados Unidos, na Islândia inclina-se à passagem de Churchill que é acompanhado pelo tenente Roosevelt, filho do grande presidente



## **A ARMADA INGLÊSA DOMINA POR COMPLETO O MEDITERRÂNEO**

Gibraltar e Suez continuam a ser as chaves da estrada que une o Reino Unido ao seu império do Oriente. Prossegue implacavelmente, a destruição da esquadra italiana, em gloriosas acções em que o génio do almirante Cunningham, ressuscita as mais belas façanhas de Nelson. Eis uma imagem dramática da guerra: atacado com bombas de profundidade, por um «destroyer» inglês, um submarino italiano emerge das águas e a sua tripulação, alinhada no convés, rende-se sem combate

ANDAR SUPERIOR

PRIMEIRA TRAVE PARA A  
DIVISÃO DOS ANDARES

ANDAR INFERIOR

## UM NOVO SISTEMA DE ABRIGOS SUBTERRANEOS DE LONDRES

Constituído por corredores duplos ligados ao metropolitano

A técnica britânica pode orgulhar-se de um novo triunfo! Há seis meses que se trabalha intensivamente num novo sistema de abrigos capaz de resistir, devido à solidez dos materiais neles empregados e à sua feliz associação, a toda e qualquer ameaça aérea. Ai se vê, na foto n.º 2, o cuidado minucioso posto na realização de todos os detalhes da magna obra.

Rebite por rebite, todos os parafusos são provados, apertados e experimentados. O esforço é enorme. Os melhores cimentos têm sido utilizados nesta grande obra. Aços depurados, ferros e controlados materiais complementares reforçam o arcabouço da grande obra de assistência e refúgio dos corredores duplos.

Os primeiros destes novos abrigos, que os técnicos têm ligado debaixo das ruas de Londres, serão facultados ao público em Novembro próximo. Os seus pontos de partida são as estações do grande Metropolitano Central de Londres. Estes lugares de refúgio, designados pelo nome de "abrigos", acomodar-se-hão a dormitórios e a sua capacidade é, por enquanto, de setenta e cinco mil pessoas. Eles gozarão do benefício do aquecimento. Quando o sistema estiver completo, poderá dar dormitórios a cem mil



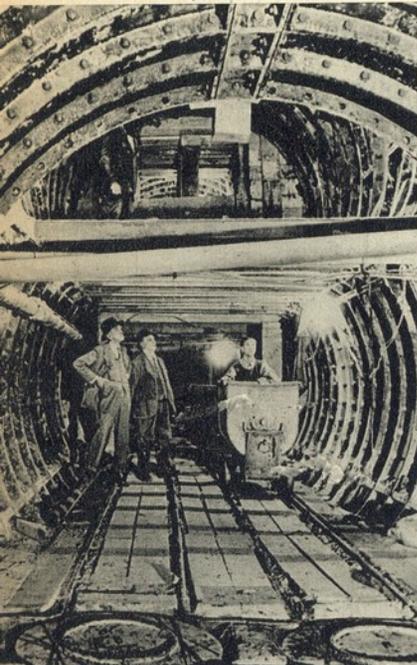
Um interior do gigantesco tubo cuja estrutura metálica se assemelha extraordinariamente com um bombardeiro "Wellington"

pessoas e refúgio a duzentas e cinquenta mil.

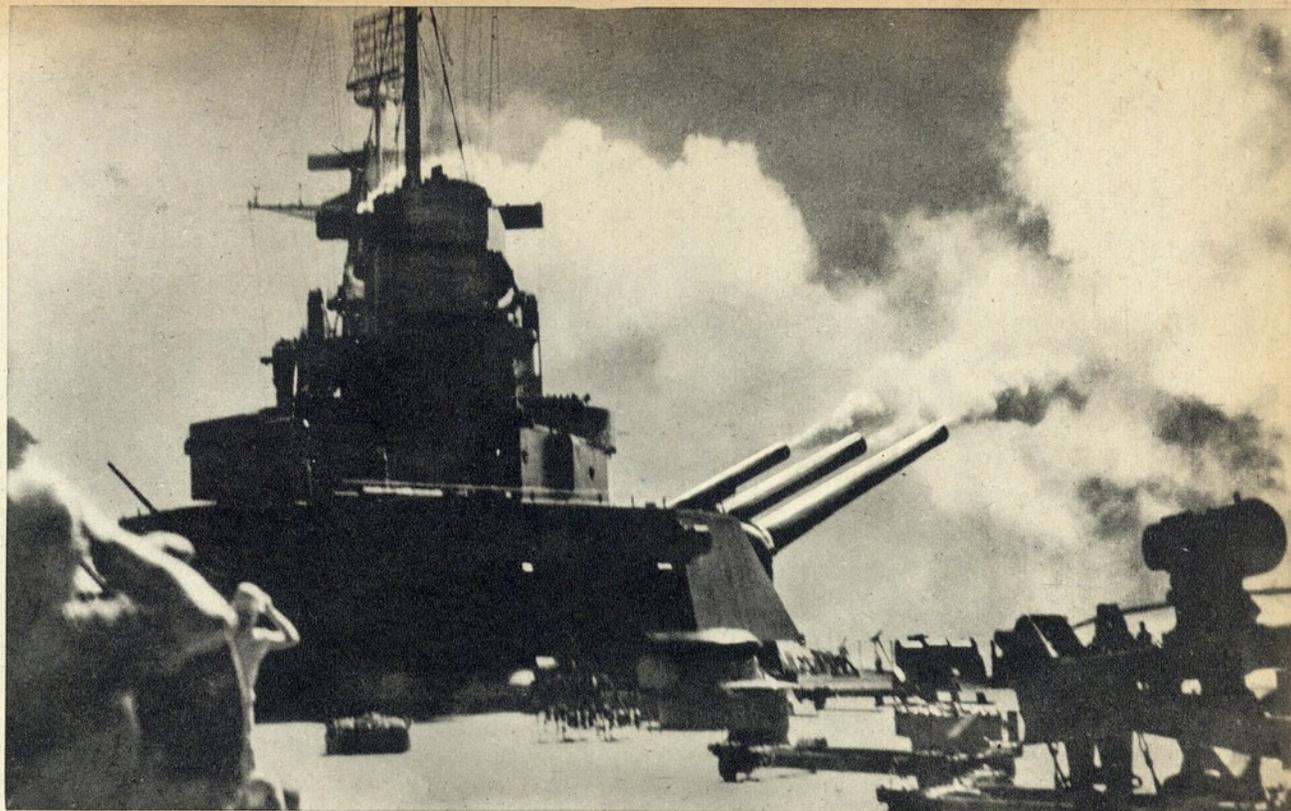
Conforme o leitor observará nas fotos 1 e 3, os materiais empregados, além de serem de uma solidez a toda a prova, permitem a divisão do abrigo em dois andares, e cada andar comunicará com o centro do corredor por um lanço de escadas independente.

Cada um dos abrigos, poderá acolher milhares de pessoas. As obras progredem a um ritmo inusitado. A admissão neles será marcada por bilhetes.

O sistema de abrigos ligados ao grande Metropolitano Central de Londres, é reservado, em larga escala, para os casos de urgência como, por exemplo, famílias cujas casas foram arrasadas por bombas.



Os trabalhos avançam rapidamente. Dentro em breve poderão ali acolher-se 250 mil pessoas



A ESQUADRA AMERICANA VIGIA O ATLANTICO! O novo couraçado «North Carolina», um dos maiores do mundo.

## A AMÉRICA contra a ALEMANHA

*Os Estados Unidos no limiar da guerra. As suas esquadras percorrem os mares, coadjuvando poderosamente a marinha inglesa. A linha vital do Atlântico está assegurada, com todo o seu gigantesco tráfego de víveres e munições. A lei da neutralidade, tudo o indica, vai ser revogada, de modo a permitir às tropas americanas operarem em qualquer ponto do mundo. Como na outra guerra a Inglaterra e os Estados Unidos vão decidir o conflito europeu.*

**UMA AVALANCHE DE «TANKS»:** O exército australiano está provido com formidáveis máquinas de guerra produzidas na América.



**O DUQUE DE KENT PERCORREU OS ESTADOS UNIDOS:** Visitou as fábricas que estão a produzir grandes massas de material de guerra para o seu país, e falou aos operários, que o escutaram entusiasmados.



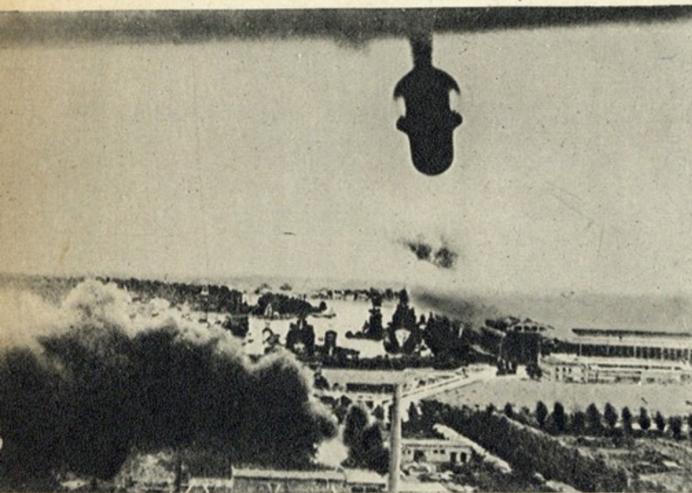
**UM SORRISO FRANCO E ENERGICO:** Knox, secretário de Estado da Marinha é partidário duma acção rápida contra a Alemanha.



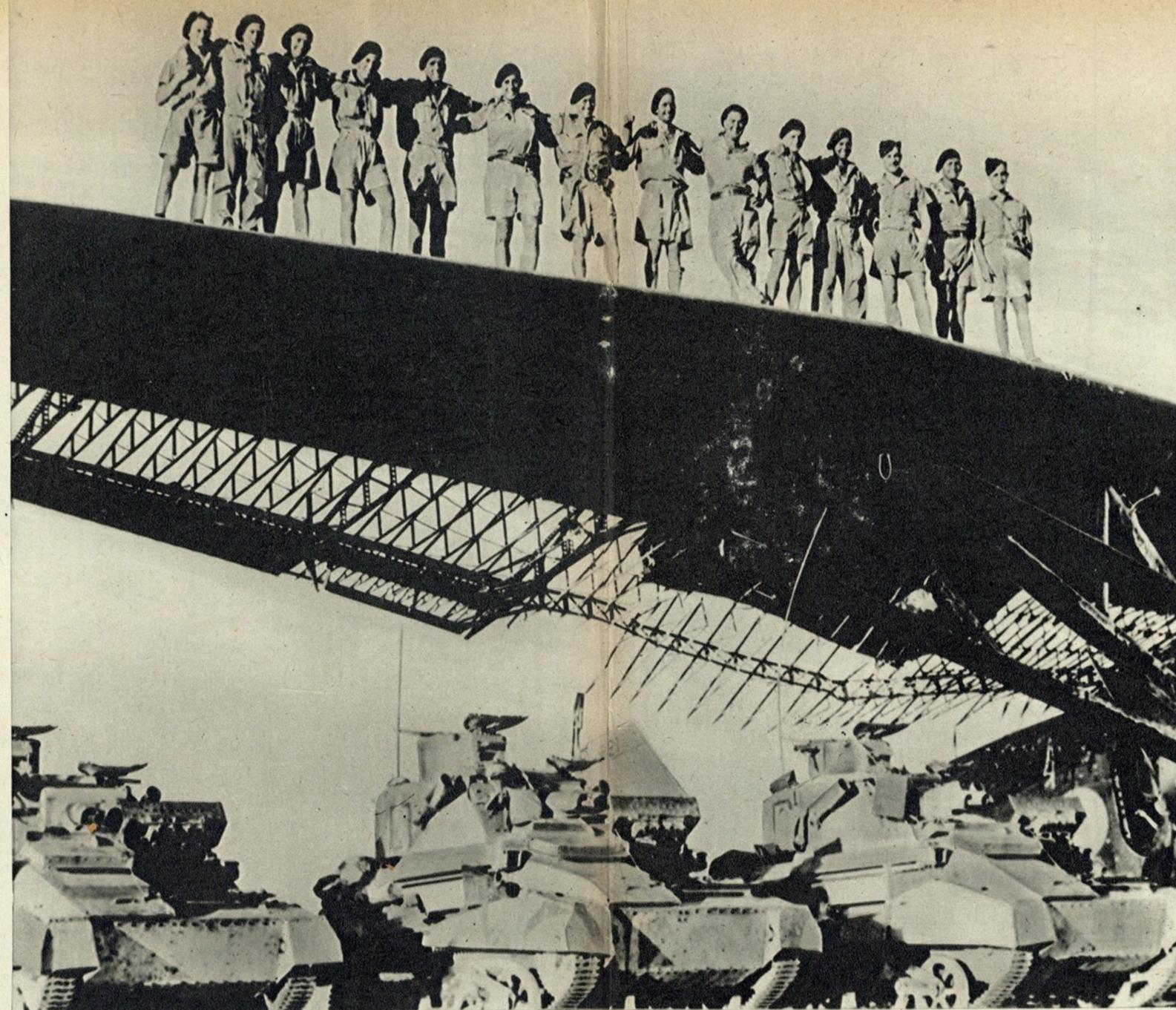
A frente inglesa estende-se agora do Oceano Artico até ao Oriente, por largas extensões terrestres e marítimas. As valorosas tropas canadianas, num "raid", fulgurante, desembarcam em Spitzberg



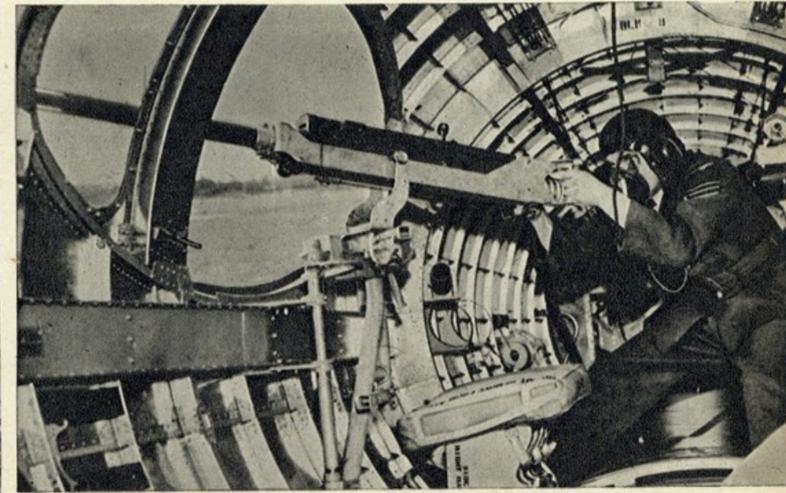
A população de Spitzberg acolheu com alegria os soldados imperiais, tendo os seus habitantes evacuado as ilhas e seguido para a Inglaterra, onde vão, voluntariamente, colaborar na vitória



A Alemanha e os países por ela ocupados, onde se encontram indústrias de guerra, continuam a sentir o peso das bombas da R. A. F. O porto de Rotterdam foi, mais uma vez, duramente castigado



Os céus de Africa e do Próximo Oriente pertencem à aviação australiana. Os audaciosos "anzaks", que conquistaram o solo africano em rasgos de valentia mostram que também são ousados nos ares. Um transporte aéreo de tropas alemão foi abatido por um avião da "Royal Australian Air Force", e os tripulantes dos "tanks", antes de iniciarem a sua marcha no deserto, descem sobre a aza esfrangalhada do "Junkers", destruído



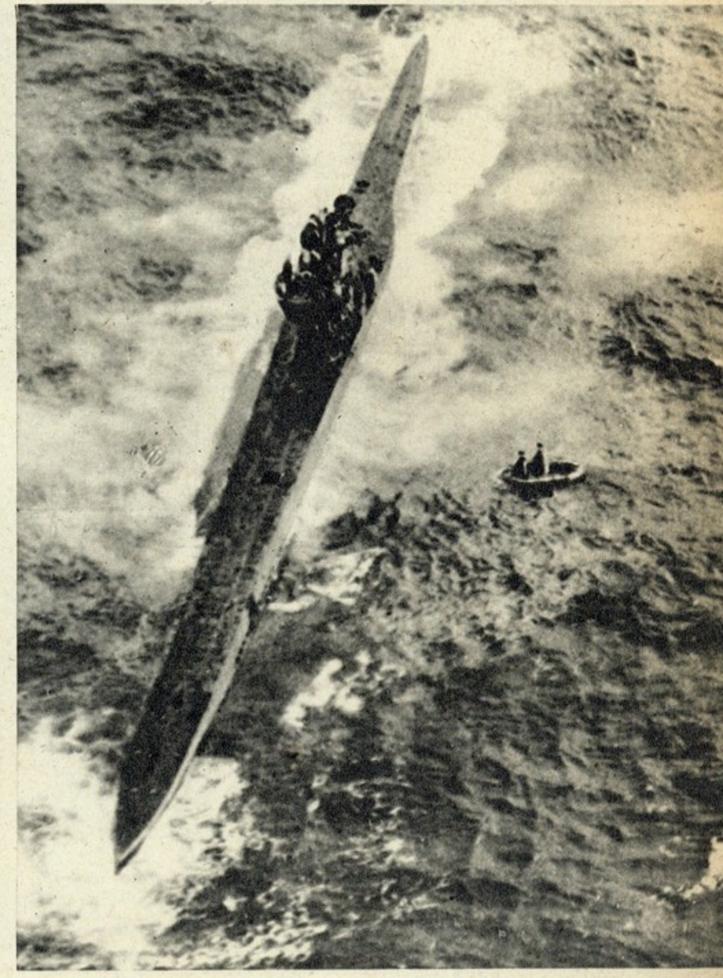
O interior das célebres fortalezas voadoras, que têm bombardeado Berlim e que são um dos prodígios da técnica americana. Um dos seus poderosos canhões, cuja metralha é de terríveis efeitos destruidores



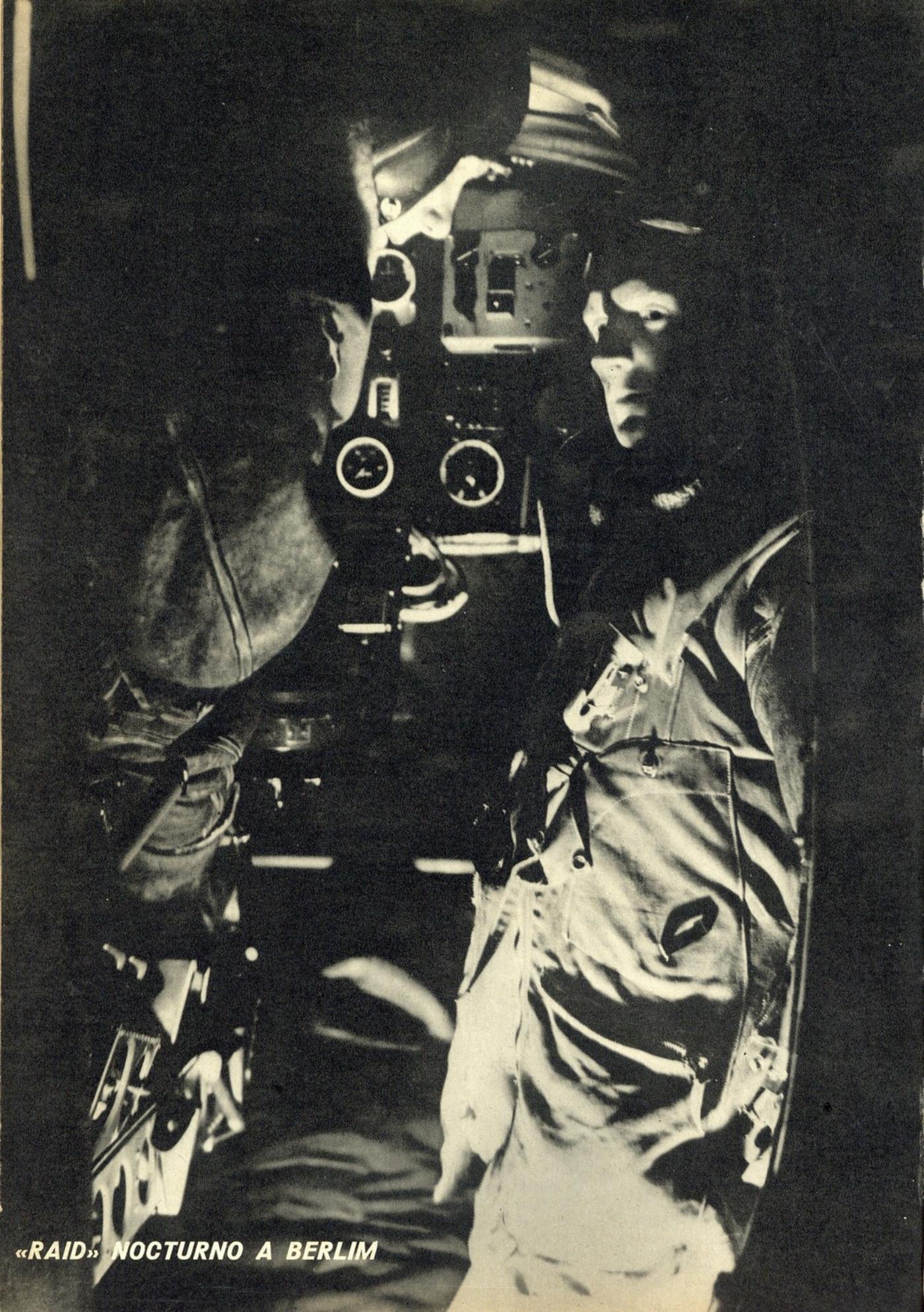
Os destroços dum avião alemão que transportava para a Pérsia um carregamento de "turistas" e que foi abatido pela aviação australiana. Proezas idênticas têm sido cometidas, por aqueles valentes rapazes



Este soldado da "Home Guard", em cujo rosto se lê a energia e a resolução, avança a coberto duma nuvem de fumo, para lançar uma granada de mão sobre o inimigo

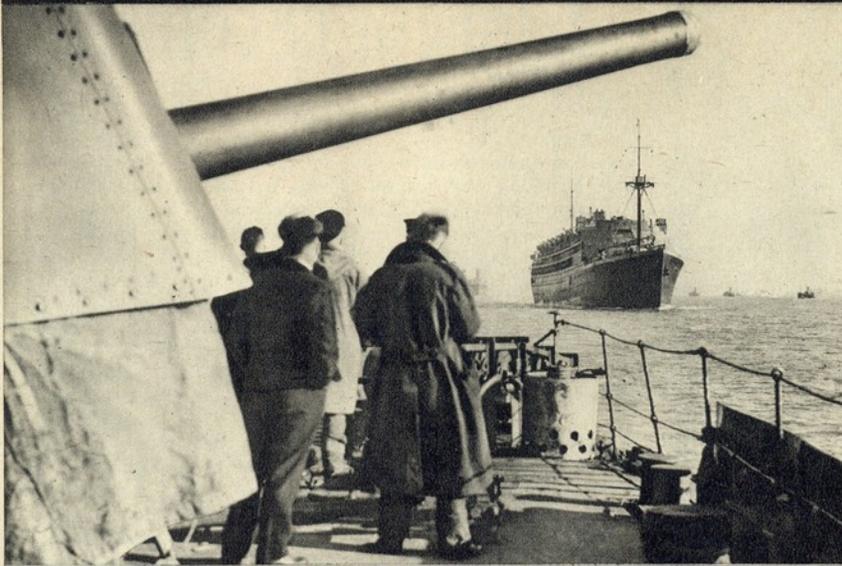


A incomparável façanha dum avião inglês! Em pleno Atlântico, um "Hudson", descobriu um submarino alemão e depois de um curto ataque, obrigou a sua tripulação a render-se

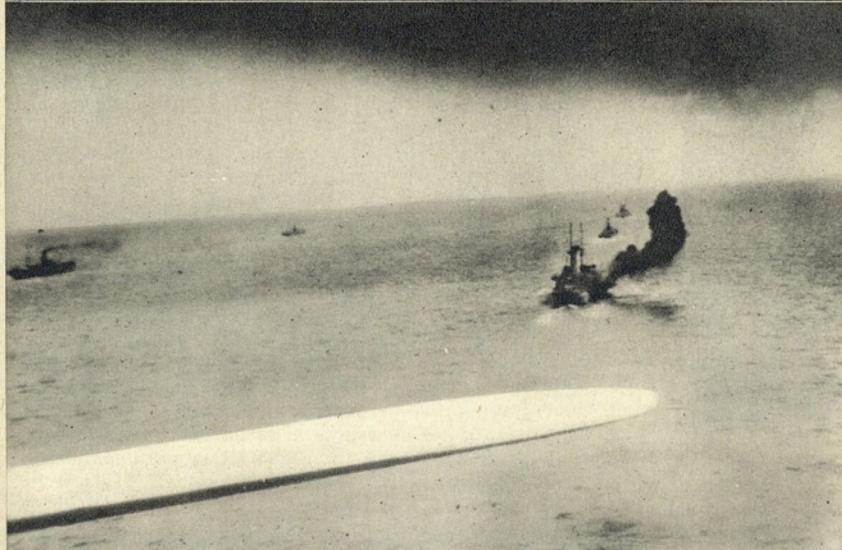


**«RAID» NOCTURNO A BERLIM**

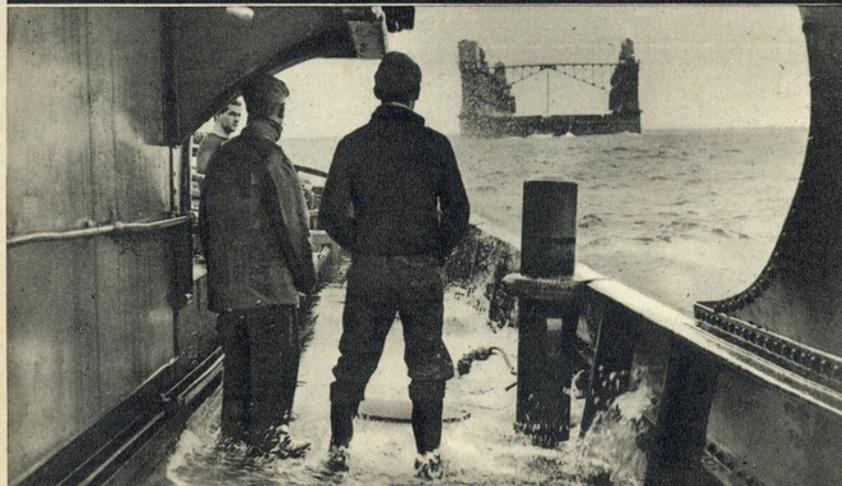
# O MAR É DA INGLATERRA



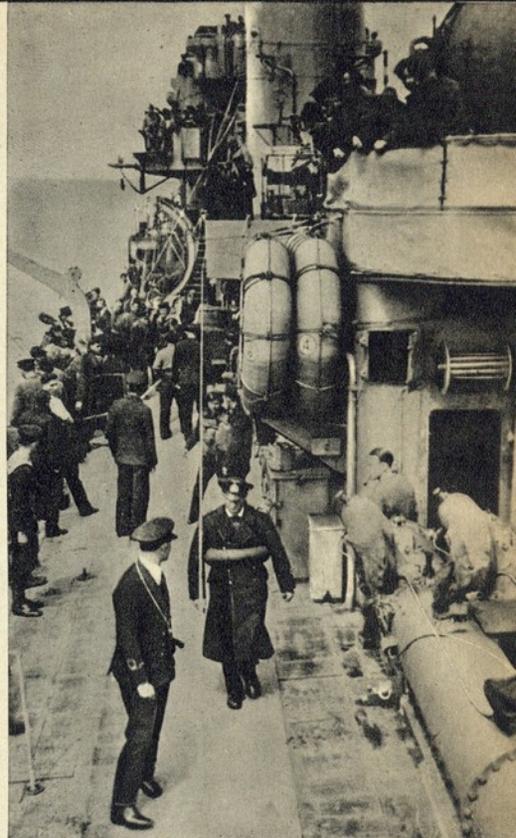
**Os canhões da "Royal Navy".** Mais um comprido comboio carregado de munições chega à Gran-Bretanha protegido pelos navios da sua poderosa esquadra, depois de ter atravessado, incólume, o Atlântico



**Fumo, sinal da vitória.** A R. A. F. ataca e dispersa um comboio inimigo, fortemente protegido. Grande número de navios foram afundados durante esta brilhante acção, levada a cabo nas Costas da Noruega



**Os gigantes do mar.** Uma formidável doca flutuante, construída nos estaleiros ingleses e na qual se pode abrigar um couraçado do tipo do "Prince of Wales". Considerada a maior do mundo é um proúgio de construção



**Prisioneiros de guerra.** Um oficial e um marinheiro alemães que foram capturados no mar, durante uma acção que o Almirantado não revela



**Como morrem os submarinos.** Um submersível inimigo foi visto. Imediatamente são lançadas bombas de profundidade que acertam em cheio

# A Igreja escondida

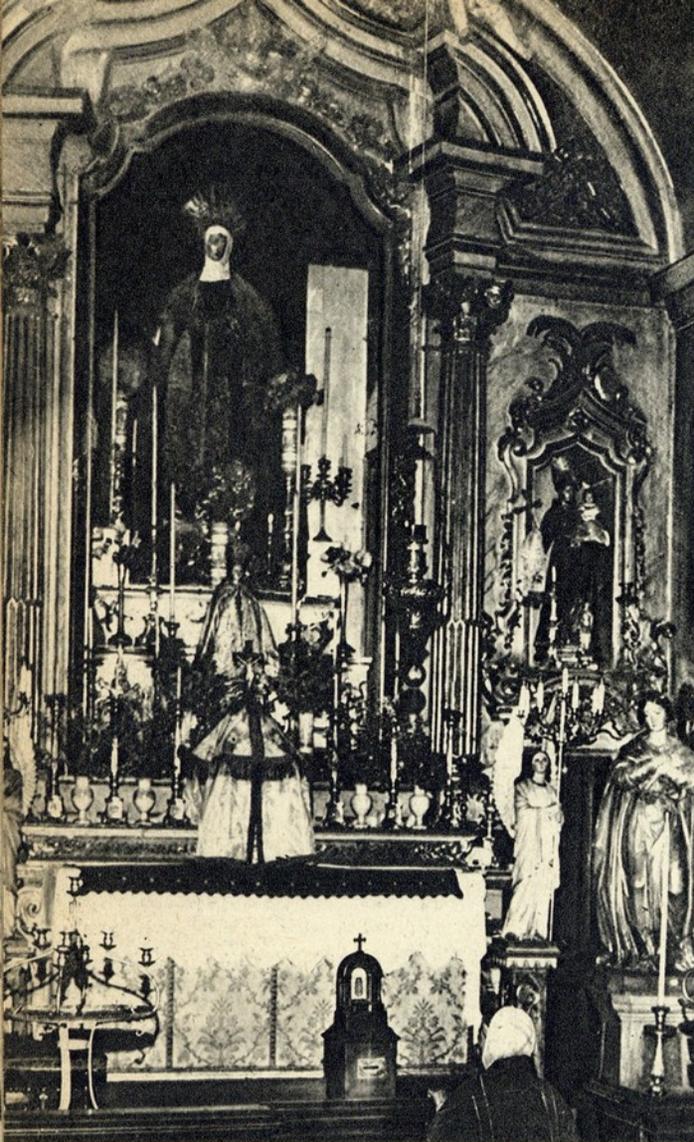
NA rua de S. Julião, entalada entre o cartório dum notário e o estabelecimento dum corrector de Bolsa, ambos modernísimos, está encravada, quási despercebida da multidão que, durante o dia, por ali passa, uma pequenina e vetusta igreja, que tem por orago Nossa Senhora da Oliveirinha, padroeira da Irmandade dos Confeiteiros, e que agora está elevada à alta categoria de parochial de S. Julião, em substituição do bem conhecido e sumptuoso templo que, em 1933, foi vendido ao Banco de Portugal, sendo as suas ricas alfaias transferidas para a moderna igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, na avenida de Berne.

A pequenina capela da Oliveirinha, modesta, como a querer ocultar-se das exigências renovadoras da actualidade e a pedir que a deixem manter-se ali, onde foi construída, ao que parece no século XIV, junto ao adro da primitiva S. Julião, que o terramoto de 1755 arrasou.

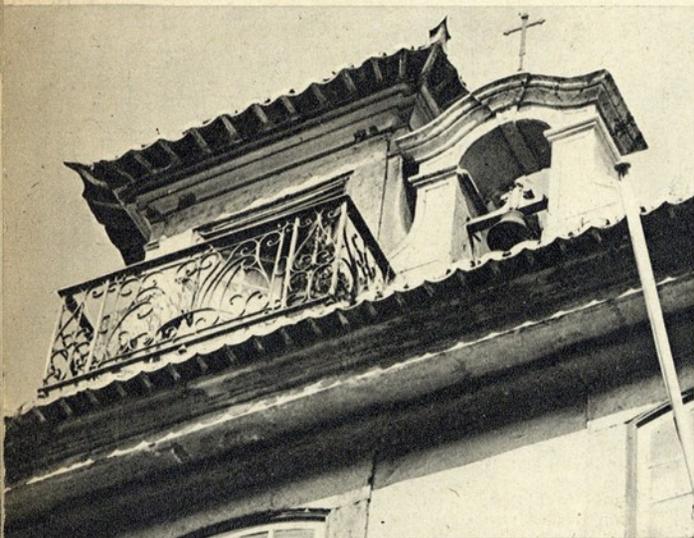
Não consegui, porém, por completo, levar a bom termo os seus intentos, pois embora, o camartelo do progresso ainda lhe não haja tocado, o certo é que, na ânsia de aproveitar espaço, ao fazer-se a reconstrução de Lisboa, os constructores, querendo fazer prédios no local onde estivera a primitiva igreja de S. Julião (S. Gião como lhe chamava o povo) não perderam tempo em curar de deixar a velha igreja em condições de, pelo menos, assegurar a sua plena independencia e, com critério de sapateiros remendões, envolveram-na por tal forma em tombas que até o sino, destinado a chamar os fiéis às orações, ficou metido dentro duma trapeira, de onde se torna difficilimo enxerga-lo a quem não saiba que elle existe ali.

Ciosa da sua antiguidade e da sua dignidade, esta igreja da Senhora da Oiveira conserva, nas paredes interiores, preciosos azulejos que constituem um notável contraste com a pobreza das alfaias e paramentos que ella guarda amorosamente.

Quem, na azáfama constante dos negócios, porventura atentar alguma vez nas portas n.º 140 e 142 da rua de S. Julião e notar a velharia e excelente qualidade daquelas duas portas, se erguer um pouco os olhos encontrará uma pequena imagem de Nossa Senhora da Oliveira, a afirmar que, apesar das tropelias prediais que lhe fizeram em volta e embora esquecida ou mesmo desconhecida de grande número de católicos da capital, a sua bem dita obra de Paz e de Amor se continua a fazer sem interrupção nem desânimo, dentro dos mais puros ideais de Cristo.



Na singelesa da sua capela, na modestia do altar-mór, a imagem da santa inspira confiança e fé a quantos lhe imploram as graças divinas



Apesar de pequenino e de «morar» muito mais perto do céu, os crentes ouvem, tôdas as manhãs, as suas alegres badaladas caindo das alturas



A capela de Nossa Senhora da Oliveirinha não tem magnificência, mas tem fiéis, todos os da freguesia de S. Julião, e é quanto basta

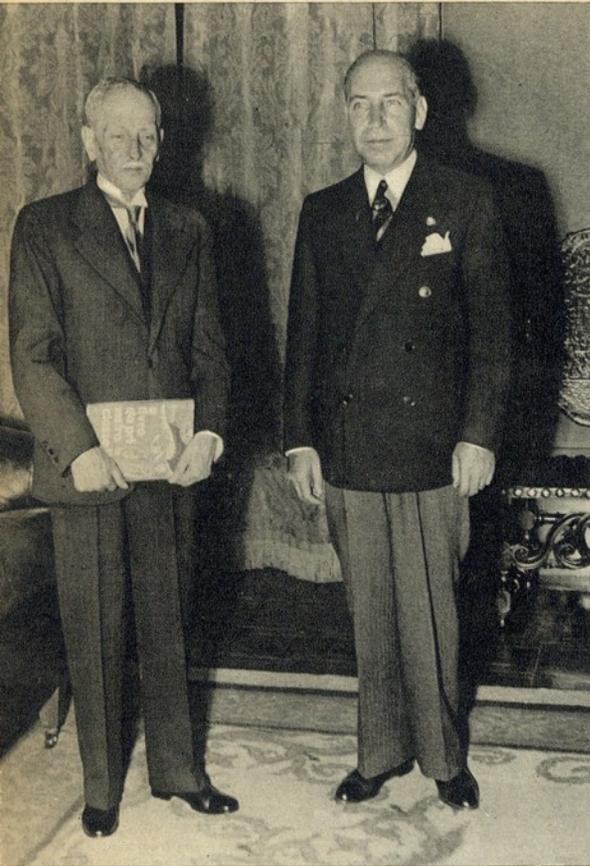


**Merry England!** Linhas harmoniosas de paisagens, vales suaves, prados em flôr, e aqueles castanheiros enormes na sua beleza decorativa que fazem fundo aos retratos aristocráticos de Reynolds e Gainsborough e que tão bem caracterizam a paisagem da velha Inglaterra. A guerra pode desfigurar a beleza, mas ela ressurgue sempre, eterna no seu esplendor, recreada pelo sonho do homem.

No meio do drama bélico surge esta imagem de poesia pura. A mulher e a natureza. Os lindos prados da Escóssia, do País de Gales, de Devonshire, converteram-se em densas scaras, onde

cresceu, vigoroso e ardente, o pão da guerra que mãos graciosas ceifaram neste doce final de Setembro. A tarefa findou e, nos campos imensos, ouvem-se agora alegres canções de regresso. «Elas» como os homens cumprem o seu dever, com entusiasmo, num frémito patriótico invencível, substituindo-os em tôda a parte para que não falte uma espingarda, um canhão, um tank, nas frentes de combate, já nas lavouras, já nas fábricas, já nas oficinas, já nos arsenais, num movimento unânime que diz da vontade irrefragável dum povo, que sabe combater e sabe vencer. A alma da Inglaterra é assim!

# FIGURAS E FACTOS



O Chefe do Estado recebe das mãos do Ministro da Educação Nacional, um exemplar do «Livro Unico da Primeira Classe»



Myron Taylor, enviado pessoal do Presidente Roosevelt junto do Papa, com sua esposa, quando há dias passou em Lisboa

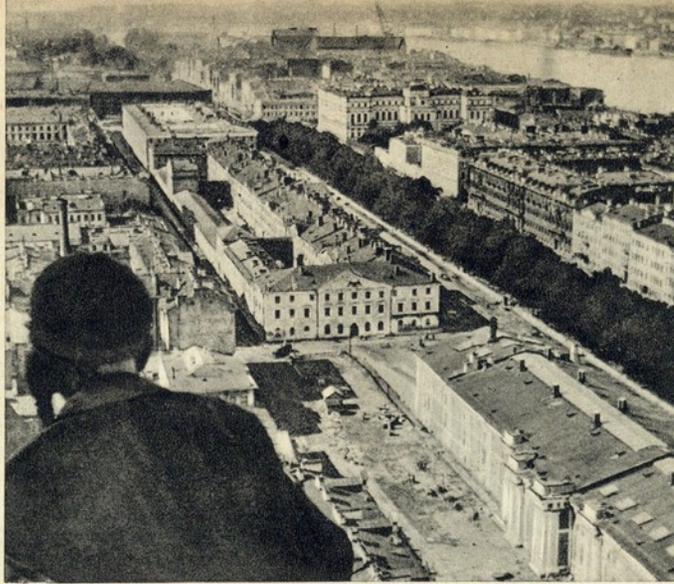


O Ministro da Inglaterra em Helsinquia e o pessoal da Legação, ao chegarem a Lisboa, onde aguardam o barco que os conduzirá a Londres



Em Sezimbra, o Embaixador da Inglaterra, «sir» Ronald Campbell, acompanhado do Ministro John Balfour, e seguido da multidão, dirige-se ao local onde se celebrou a festa do mar

## A CONFERÊNCIA DE MOSCOVO



Um aspecto de Leninegrado, antiga S. Petersburgo



Lord Beaverbrook, chefe da missão britânica na conferência anglo-russo-americana, que se encontra em Moscovo

ESTÃO reunidas na capital da U. R. S. S. as delegações britânica, norte americana e soviética. São presididas, respectivamente, por Lord Beaverbrook, ministro da produção de guerra, pelo sr. Averell Harriman, que dirige superiormente as relações anglo-americanas para a aplicação de lei de empréstimo e arrendamento, e por Molotov, comissário do povo para os negócios estrangeiros. As delegações dos três países são compostas por peritos económicos e militares. A composição das delegações britânica e americana inclui oficiais dos estados maiores das diversas armas. Da delegação soviética fazem parte o marechal Vorochilov, antigo comissário de povo para a guerra, o almirante Kuzvetsov, chefe da esquadra russa do Báltico e Jakovlev, chefe da repartição de artilharia do exército soviético.

A composição das delegações indica, claramente, a sua tarefa essencial: estabelecer, no presente e para o futuro, a colaboração militar das potências representadas na conferência e organizar um plano racional de distribuição dos recursos comuns. As questões políticas estão naturalmente excluídas do programa de trabalhos previsto. Essas questões serão tratadas na segunda conferência inter-aliada já anunciada para a capital britânica e na qual estarão representadas as nações que tomaram parte nos trabalhos da primeira e mais a Grécia, que será representada pelo chefe do seu governo, é a U. R. S. S. que encarregou da sua representação o embaixador Maisky.

A duração, a orientação e a coordenação do esforço político e diplomático exigido pela continuação da guerra estão concentrados em Londres. Os trabalhos da primeira conferência inter-aliada foram inaugurados pelo Primeiro ministro, Churchill, e presididos pelo secretário de Estado para os negócios estrangeiros, Anthony Eden. Este último homem de Estado britânico desempenhará funções idênticas na conferência que se prepara. A comparencia a esta dum delegado russo é consequência, entre outros factores, do recente acôrdo russo polaco, assinado entre o embaixador Maisky e o general Sikorski.

A conferência tripartida de Moscovo tem um trabalho urgente a realizar: preparar as condições em que deve ser fornecido material de guerra aos soviéticos para a continuação da campanha a Leste. Esse trabalho envolve duas ordens de dificuldades: a procedência do material a fornecer e o seu transporte. É evidente que a continuação da resistência russa se tornou função do auxílio que os países anglo-saxónicos, e especialmente os Estados Unidos, estiverem em condições de prestar ao governo de Moscovo. Já chegaram à Rússia alguns centos de aviões de caça de fabricação inglesa que se destinam ao

sector de Leninegrado onde a «Luftwaffe» procura conquistar o domínio aéreo como condição prévia do investimento da cidade. Mas é sobretudo de tanks que os russos precisam para alimentar as contra ofensivas locais que o marechal Timochenko desencadeou no sector central, em direcção a Smolensko, e de cujo exito depende a estabilisação da frente de batalha. Esta necessidade explica o apêlo dirigido por Lord Beaverbrook aos operários das fábricas de tanks britânicos antes da sua partida para Moscovo.

Que caminho devem seguir os abastecimentos de guerra a fornecer à Rússia? É esse o segundo objectivo da conferência a estudar no local. Inicialmente foram encaradas três vias regulares de abastecimento Vladivostok, na Sibéria, para os fornecimentos americanos; Murmansk ao norte, e a fronteira da Índia, ao sul, para os fornecimentos ingleses. Esta concepção inicial está sensivelmente modificada com a marcha dos acontecimentos políticos e militares.

A passagem dos barcos americanos e de petroleiros pelas águas territoriais japonesas suscita um problema delicado susceptível de afectar as relações nipo-americanas. Em Washington fizeram uma afirmação inequívoca de firmeza enviando para Vladivostok alguns barcos carregados com carburantes e ferramentas. É natural que não desejem, porém, fornecer aos negociadores japoneses um trunfo pelo qual o Governo de Tóquio não deixaria de pedir compensações. Por isso os americanos procuram apetrechar os portos e as bases aéreas da península de Kamchatka para onde o trânsito deve fazer-se através do território alaskiano.

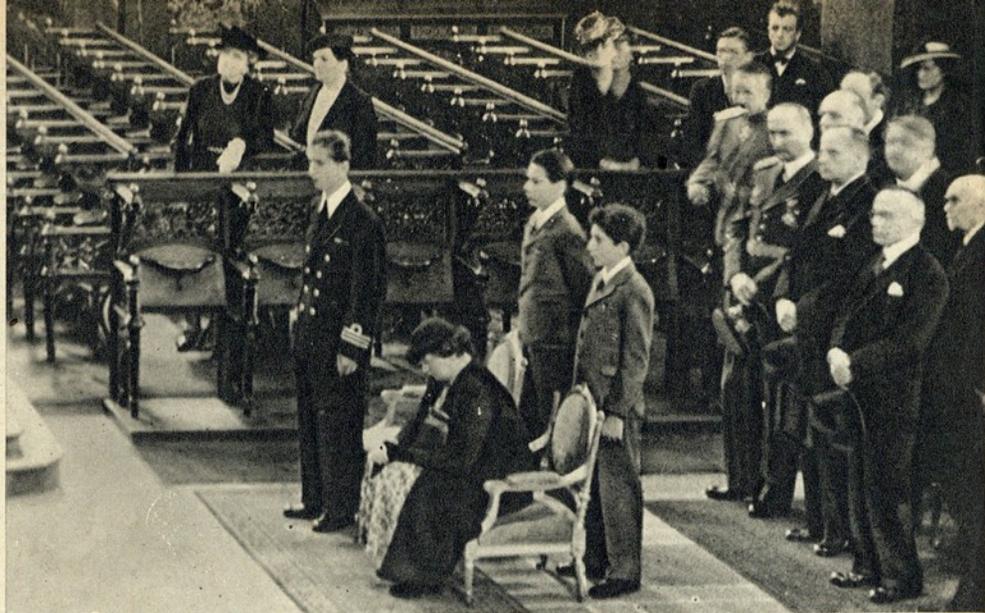
Os alemães compreendendo a importância que o porto de Murmansk representa para o abastecimento dos exércitos soviéticos procuram alcançá-lo o mais depressa possível. Depois de malogrados os esforços feitos nesse sentido pelas tropas especializadas de alpinistas comandadas pelo general Dietl, a conquista de Murmansk foi confiada aos finlandeses que conhecem a tundra e os seus mistérios.

O caminho montanhoso da fronteira indiana foi substituído pela junção das tropas britânicas e soviéticas no Irão. A ocupação deste país e a provável ocupação do Afeganistão, são de consequências incalculáveis para resolver o problema do transporte de material de guerra para a U. R. S. S. Além de se ter constituído uma frente anglo-soviética para a defesa dos campos petrolíferos do Cáucaso, a utilização dos caminhos de ferro iranianos, que conduzem do Golfo Pérsico ao Mar Cáspio, constitui o recurso mais eficaz que a Conferência tripartida deve encarar durante a realização dos seus trabalhos

Carlos Ferrão



A população de Spitzberg acompanhou os soldados no regresso à Gran-Bretanha. A indumentária das mulheres e das crianças provocou curiosidade



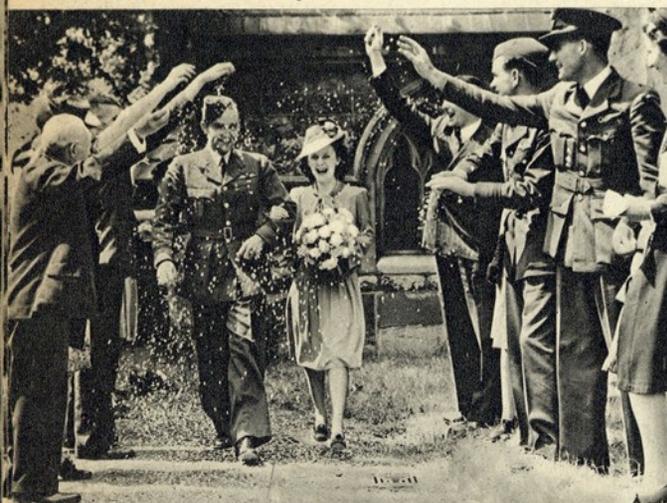
O Rei Paulo da Iugoslavia atingiu a maioridade. Nesse dia, na igreja Ortodoxa de Londres, realizou-se uma cerimónia simples, mas comovente e de grande significado. O novo monarca, acompanhado de sua mãe, de seus irmãos e de entidades oficiais do seu país e da Inglaterra, jurou, perante Deus, salvar a sua Pátria e restituir-lhe a grandeza, depois da vitória



O pequeno Richard Robson, sobrinho da famosa actriz de cinema Clara Robson, também trabalha para a Pátria. Ao som do órgão que a tia lhe deu, para festejar o seu quinto aniversário, percorre as ruas de Londres e vai recolhendo fundos para a compra de mais um "tank".



São franceses da França Livre, estes homens! Oficiais que estavam num campo de concentração na Alemanha e que, à custa de mil sacrifícios e arrojando os maiores perigos, conseguiram chegar à Inglaterra, para combater ao lado do general de Gaulle



O oficial da R. A. F. David L. Pichard, da Nova Zelândia, que tantas barragens de fogo tem atravessado, vitoriosamente, na Alemanha, passa, sorrindo, com a sua noiva, esta alegre barragem de confêteis e flores, que talvez seja mais difícil



Em Inglaterra, como no Canadá e na Índia, encontram-se alguns milhares de prisioneiros italianos em campos de concentração. Este grupo, que parece satisfeito, vai construir o seu acampamento, para depois se entregar, pacificamente, a trabalhos agrícolas



As mulheres inglesas têm orgulho na R. A. F. As operárias duma fábrica de munições ostentam garbosamente o emblema daquela gloriosa arma, simbolo de quanto pode a energia e a coragem dum povo



Na Inglaterra todos trabalham para a guerra, num exército que, afinal, abrange tôda a população adulta. Até os rapazes das escolas se dedicam, nas férias, às fainas agrícolas e portam-se como "gente grande"



A Gran-Bretanha está preparada para tudo, incluindo os ataques de gazes. Todos os habitantes têm a sua máscara com que se deslocam para tôda a parte. Este grupo foi fotografado no metropolitano, em Charing Cross



O auxilio dos Estados Unidos à Inglaterra não pára nunca. As munições e os mantimentos que vêm do outro lado do Atlântico chegam, constantemente, e cada vez em maior quantidade. Em todos os portos do Reino Unido há sempre navios provenientes da América, e as descargas fazem-se dia e noite, para que nada falte ao Exército e à população



A Armada da França Livre tem uma fé: libertar a sua Pátria. Confiantes, com a serena confiança de quem sabe o que quer e porque se bate, os marinheiros franceses saúdam a bandeira da sua causa, que acaba de lhes ser entregue. Ela será a imagem da França e nas horas intensas da luta o melhor incentivo

# Página Feminina

de AURORA JARDIM

## NO DEALBAR DA MODA DE INVERNO

Mais do que nunca, a moda diz preocupar-se este ano com o conjunto, fingindo colocar em segundo lugar o detalhe, que é, afinal, o que lhe dá originalidade. Mas realmente, quando um homem diz:

— Que mulher tão bem vestida!  
Não lhe é provocada esta exclamação pelo clipe de esmeraldas ou pela laçada de tafetá róxo, destacando-se no liso vestido de jersey rosa pálido.

Portanto, embora cuidemos dos pormenores, estudemos sempre, e atentamente, a formação do conjunto.

Quais as notas de mais novidade neste inverno?

— O regalo. Ou largo como um fole ou pequeno como o çapricho, perfumado e fútil, aliar-se-á à estola ondulante que é uma companhia para os vestidos menos indicados para a rua mas que... com a ausência de automóvel em certos dias da semana... não apetece meter dentro dum táxi.

— A manga larga nos casacos. Quer seja *raflan* quer esteja bem presa no ombro a manga, no casaco comprido, obedece hoje a uma nova linha; a da amplidão. Poderá apertar com o punho, no pulso, ou ficar solta, depende do gosto. A primeira é mais elegante.

— Contraste entre a largura e a estreiteza. Assim: uma blusa camponesa, muito larga e solta com o pregueado preso no *empiècement* cai sobre uma saia estreitíssima; um vestido completamente cingido tem sobre ele uma capa chela de *godets*, extremamente rodada.

— As cores que se usam este ano, quais são? Ainda é cedo para o dizer, no entanto, os costureiros criadores informam do seguinte: 70% cor — 30% preto. E então: rosa-petúnia, vermelho quente, cor de laranja, púrpura, azul-violeta, azul-cinza, turquesa, amarelo-esverdeado, castanho com tons de oiro. Continúa o contraste dos tons: preto com todos os vivos, laranja com róxo e azul-violeta, verde-amarelado com cereja, castanho com rosa. Aqui estão alguns detalhes — é com eles que a senhora janota formará a harmonia e a visão dominadora do conjunto.

## Quere representar?

*Sim; sem ser nesta forçada comédia de todos os dias.*

*Mas, na verdade, quere saber se tem jeito para representar? Ora responda a estas perguntas e, pelas respostas, tirará a conclusão.*

- Tem boa memória?
- É capaz de imitar as pessoas?
- Possui liberdade de gestos, sabendo sempre «onde há-de pôr as mãos?»
- Mesmo que não ache graça nenhuma, é capaz de dar uma gargalhada ao findar a narração dum feito cómico ou de qualquer anedocta?
- Gosta mais de teatro do que de cinema?
- Numa terra estranha, saberá fazer-se compreender por meio de gestos?
- Explica-se bem ao telefone?
- Tem sangue-frio?
- Em público, toma atitudes teatrais?

— É capaz de apresentar compungidamente os seu pésames a uma família que lhe é totalmente indiferente?

— Entra perfeitamente à vontade numa sala muito encerada ou num Café?

— Gosta de se mascarar?

— Aprecia a música? E a literatura?

— Sabe chorar sem motivo?

— Recomeça por outro lado quando falhou dum?

— Diverte-se a tomar várias expressões ao telefone?

— Tem força de vontade para vencer todo o desânimo?

— É ambiciosa?

— É sensível?

— Aprecia a leitura? E os versos?

Então, diga: a conclusão chegou?

## Uma pergunta

Vou fazer uma pergunta às nossas leitoras e desejava que me respondessem para aqui numa carta que «Mundo Gráfico» gentilmente me faria chegar às mãos.

— Qual é a qualidade que preferes no homem?

*Que seja fiel ou rico?*

Eu explico: *fiel*, vivendo exclusivamente para si e proporcionando-lhe uma vida modesta mas segura — ou um pouco *doído* mas fazendo-a viver luxuosamente?

Publicarei a resposta que, dentre a maioria de opinião, me agradar mais com clareza e convicção.

## Aproxima-se o frio

As Peles que se vão usar neste inverno

- São:
- Lôbo do Canadá
  - Ovelha da Pérsia
  - Rapoza *argentee* e azul
  - Kid Karacul*
  - Esquilo da Sibéria
  - Toupeira
  - Kidskin* chinês
  - Leopardo
  - Arminho
  - Marta
  - Pantera
  - Astrakan*

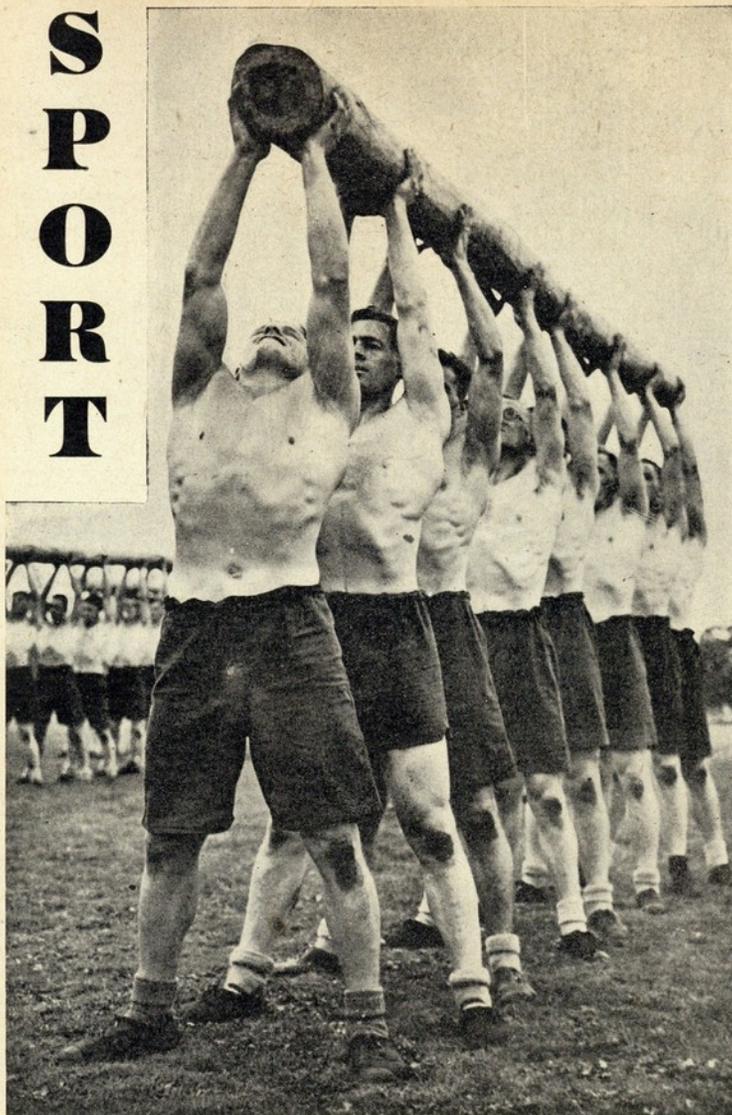


Os primeiros modelos de inverno. Foram mãos femininas que executaram tão femininas peças de vestuário



Uma costureira de Londres confeccionando uma rede de «camouflage», trabalho que exige grande concentração e esforço físico

# S P O R T



Soldados ingleses treinando-se em exercícios físicos

## JOGOS ATLÉTICOS NA INGLATERRA..

OS desportos naturais — a corrida e o salto — ocupam a atenção de todos os povos, desde tempos imemóráveis. A velha Grécia, porém, coube a honra de dar ao atletismo uma feição difícil. Thucydide e outros historiadores dão-nos incontáveis elementos sobre as provas atléticas a que os gregos se devotavam com o maior entusiasmo.

Nos jogos do Stadium, a corrida dupla e o dólco — três provas que se assemelham as actuais corridas de velocidade, meio fundo e fundo — constituíam programa obrigatório.

Na Grécia antiga, em resumo, o atletismo tomou feição de desporto organizado.

Os gregos inspiravam-se nos egípcios. Correr, saltar, lançar o disco, jogar o box, a luta foram desportos populares entre os gregos e os romanos.

No Reino Unido, o atletismo começou a ser praticado há três ou quatro séculos e há notícias dos jogos de Tailtin, na Irlanda, dos jogos de Higliland Braemar, na Escóssia. Nos tempos de Henrique II a mocidade de Londres dedicava-se à luta e os lançamentos da pedra. O próprio rei Henrique VIII foi um famoso lança-

ador do martelo ou de barra como nessa época se dizia. E nos tempos da rainha Isabel os desportos atléticos foram muito populares. No tempo dos Stuarts a marcha alcançou grande voga.

A primeira competição do atletismo na Gran-Bretanha realizou-se em 1807, organizada pelo major Mason com a colaboração com a sociedade Necton Guild, de Necton.

O Exeter College, de Oxford, foi o pioneiro das competições universitárias, a primeira das quais se realizou em 1850, com preendendo «cross-country», um quarto de milha, 300 jardas, 140 jardas, 100 jardas e uma corrida de obstáculos. A universidade de Cambridge seguiu-se pouco depois promovendo o primeiro concurso em 1857.

O primeiro Oxford - Cambridge de atletismo teve lugar em 5 de Março de 1864.

Na Gran-Bretanha, o principal concurso realiza-se anualmente no famoso estádio de White City pela A. A. A. É o maior acontecimento do ano. O programa é muito sobrecarregado e inclui todas as provas olímpicas. O concurso de White City tem o programa seguinte: corridas de 100 e 200 jardas, quarto, meia, uma, três e seis milhas; 120 e 440 metros barreiras; saltos em altura e comprimento, de vara, triplo-salto; lançamento do disco, do martelo, do dardo, e do pêso; luta de tracção à corda; «steeplechase»; duas e

sete milhas em marcha; um quarto de milha e uma milha por estafetas; a maratona.

As competições universitárias, entre Oxford e Cambridge e entre estas duas universidades e as universidades americanas de Yale e Haward, são, seguidamente, as reuniões mais sensacionais no Reino Unido.

Os Jogos do Império Britânico, realizados em 1908, integrados nas comemorações da Coroação de Jorge V, reuniram equipes da Australia, Canadá, Gran-Bretanha e África do Sul e alcançaram o maior êxito. Foram imaginados e realizados por Lord Desborough, que havia obtido já um enorme êxito com a organização dos jogos olímpicos de 1908.

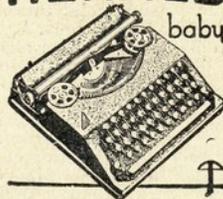
Em 1934 voltaram a organizar-se os Jogos do Império e, nessa altura, a competição teve proporções admiráveis por isso que reuniram os teams da Australia, Bermudas, Guiana Inglesa, Canadá, Inglaterra, Hong-Kong, Índia, Jaimaica, Terra Nova, Nova Zelândia, Irlanda, Rodezia, Escocia, África do Sul, Trindade e Pais de Gales.

O êxito obtidos excedeu toda a expectativa. O Canadá e Inglaterra conquistaram grandes triunfos, criando o maior dos records imperiais, especialmente nos desportos femininos. A Inglaterra manteve, porém, nítida supremacia por obter 16 primeiros lugares, 9 segundos e 15 terceiros, contra 5, 14 e 1 do Canadá, que foi o segundo classificado.

Presentemente, o atletismo alcançou na Gran-Bretanha uma expansão invulgar. Em todos os clubes, colégios, escolas, universidades, regimentos, etc, os desportos atléticos são verdadeiramente obrigatórios. Depois do início da guerra, então, a preparação atlética tomou as maiores proporções, por isso que toda a preparação militar se inicia e mantém outras nas práticas desportivas, nas quais o atletismo ocupa o lugar de honra.

A. M.

### HERMES



A máquina de escrever  
mais portátil do mundo!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição 40. L.º. E.-Telefone 2 1672. LISBOA

NORTE: ARAUJO & SOBRINHO. SUZERS. Largo S. Domingos. 50 e Filial. Rua dos Clérigos 8. Telefones 235 e 2352. PORTO

# O REGRESSO

NOVELA DE CRISTIANO LIMA

—Podíamos casar e eu acompanhava-te. Foste, de resto, o primeiro a dizer que a companhia dava facilidades para me levares para Africa, se quisesse. Trata-se, portanto, dum capricho. E nessas condições, não espero por ti os quatro anos que lá vais passar. Já sabes: ou agora, ou nunca.

Antes de dizeres que não, reflete. Olha que fica tudo acabado entre nós!...

Era a quinta vez que ela o ameaçara.

Coloriu-se-lhe o rosto. E, num impeto nervoso, voltou-lhe:

— Seja. Fica tudo acabado.

Ela com assombro na voz:

— Sabes o que queres dizer com isso?

— O que eu disse.

A Henriqueta encarou-o, muito branca, de olhos chamejantes. Ficou uns momentos à espera que ele falasse, depois voltou-lhe lentamente as costas.

Nunca mais a viu. A rapariga saíra de Lisboa, fóra para o Norte, e, de lá devolvera, sem a abrir, uma carta que ele escrevera a pedir-lhe que reconsiderasse. O verdadeiro motivo que o levava a pedir-lhe que esperasse quatro anos não fóra o alegado: a necessidade de juntar dinheiro para ambos casarem e começarem a vida em comum, sem embaraços nem restrições aborrecidas. Falsa também a razão secundária que lhe apresentava: não a querer sujeitar ao clima e à vida, que se lhe afigurava monotona, de Africa.

Queriu simplesmente viver esses quatro anos entregue a ele a próprio, em plena liberdade.

A mãe era excepcionalmente afectiva mas um pouco autoritária. O despotismo que exercera sobre ele era do mais intolerável, porque nunca lhe dera motivo para ensaiar rebeldias, assim classificava ele, com iniquidade, a solicitude da mãe, era praticada com doçura e paciência infinitas, visava sempre o serviço o melhor possível, os interesses do filho.

Ora a Henriqueta, profundamente amiga d'ele, com as suas qualidades morais admiráveis e a sua inteligência clara, pouco vulgar numa rapariga, assemelhava-se à mãe.

Tornar-lhe-ia, certamente, a vida feliz, mas quasi o não deixaria respirar. Era esse o seu receio. Mais do que receio, era para ele uma certeza de que a Henriqueta seria uma espécie de prolongamento da tutela materna.

Queriu, pois, quatro anos para existir sem depender de ninguém; obedecer apenas à sua vontade, ansiosa de libertar-se e à sua fantasia — se lhe desse para ser fantasta.

Desgraçadamente, para a Henriqueta, a mãe metera-se no caso e, com a sua doçura obstinada, aconselhara-lhe a partir para Africa, casado e com a mulher.

A atitude da mãe ainda o incitou mais a resistir. Levou, por diante, a sua intenção. Venceu. Partiu para Africa solteiro e quasi arrependido.

Dois anos depois, recebeu a noticia de que a Henriqueta casara.

Sofreu um grande desgosto e, quando ele estava na fase mais aguda, jurou que não voltaria mais à metropole.

Durante dez anos de, facto, não voltou. Mas findos eles, resolveu quebrar a jura e voltar a Portugal. Tinha, diante d'ele caso quisesse conservar o emprego, mais de um ano de licença. Ia aproveitá-la.

— Já não somos erianças... dissera-lhe a Henriqueta com um sorriso triste.

A Henriqueta que lhe falava, agora, na mesma casa, donde, há dez anos se zangaram, quasi nas vésperas da sua partida para Africa, não era a rapariga que fóra a sua noiva. Tinha já alguns cabelos brancos, nos olhos, menos brilho, as linhas do rosto acusavam fadiga, o corpo, ainda elegante, perdera, contudo, parte da sua esbelteza.

Não era espontânea a conversar como antigamente.

Era reflexiva. Parecia meditar tudo o que dizia. Fisicamente, menos bela era, apesar disso, mais feminina, mais perturbante.

Adivinhava, na maneira porque ela se lhe apresentava, que tivera o cuidado de se vestir para parecer o mais nova e o mais bonita possível.

Havia, nas suas atitudes, abandono estudado, e uma espécie de provocação que o irritava, porque lhe dava encanto estranho.

Enviuvára há um ano, e — sabia-o pela mãe — pedira que não o mandassem dizer lá para a Africa.

«Pode supor que me ofereço... que o desafio a voltar para começarmos tarde de mais o que, por tolice d'ele, não fizeram na hora própria...»

Achou, lá longe, a grande distância, a atitude dela muita grande elegância, ainda que lhe parecesse revelar também uma ligeira indiferença. Agora diante dela, depois a ter observado com atenção meticulosa, de a ter escutado durante mais duma hora convenceu-se de que em tudo aquilo ela usara de tática para o espicar. A Henriqueta, inteligente como era, subtilmente feminina, devia ter calculado que a mãe não guardaria segredo, ao to-



mar essa atitude, não arriscava nada, e ainda por cima o seu orgulho, o seu famoso orgulho, cairia intacto.

Contava-lhe a sua vida, aos poucos, em frases sintéticas, passando, ao leve, por o que poderia ser desagradável:

— Dois anos, apenas, fui na mulher. A sua maior preocupação foi tornar-me feliz...

Adorava-me. Era tudo para ele...

— E tu?...

Fez-se desentendida:

— O resto do tempo fui sua enfermeira. Sofreu muito... horrosamente. Só parou de viver, quando acabou de morrer. A vida tinha-a concentrada nos olhos, nos pobres olhos que choraram, muitas vezes, por não poder continuar, a ser, de facto, totalmente, meu marido, e outras me encaravam com paixão desesperada — a sua pobre e dolorosa paixão impossível.

Ele voltou a perguntar.

— E tu?...

Respondeu sem responder:

— Fui, para ele, boa enfermeira. Levei uma existência de sacrifício. Vivi sem viver... afinal...

— Mas antes, quando ele era teu marido, de facto? — insistiu para obrigar a confessar se gostava ou não d'ele.

— Antes já te disse...

Era inútil teimar. Ela não queria confessar se gostava do marido tanto como dizia que ele a adorava.

Mudou de assunto:

— Vemo-nos amanhã?

Olhou-o, de frente, muito séria, muito grave. E, numa súbita mudança de expressão, perguntou com estranheza:

— Para quê?

Atarantou-o a interrogação. E demorou, por isso, a dizer:

— Para conversarmos...

A voz dela tornou-se um pouco rouca ao replicar-lhe:

— Já disse tudo o que te poderia interessar... Nada tens a dizer-me, que me importe. Vim, aqui, a teu pedido para que não julgasses que te guardava rancor. Agora, tens a tua vida... e eu vou à minha...

Ergueu-se do maple, e olhou, para ele, com o mesmo ar grave de há pouco.

Ele ficou sentado, a alongou, um pouco, o braço direito, e disse-lhe:

— Se assim queres, paciência...

E, com receio de a ver afastar, perguntou-lhe, apressado:

— Peço-te apenas encarecidamente, um favor: diz-me se gostaste de teu marido tanto como ele gostou de ti.

Silêncio da Henriqueta. Ele julgava compreender... E então ousou. Disse, numa simples frase, a ideia que o fizera quebrar a jura de não voltar a Lisboa:

— Haveria, em rigor, um motivo que nos levaria a vermo-nos mais vezes: imagina que te perguntava se querias casar comigo e que tu me respondias...

Henriqueta baixou os olhos. ... — e que tu me respondias...

Henriqueta curvou ligeiramente a cabeça.

— Considera a pergunta feita. Como lhe respondes?

Duma maneira que ele não esperava: com lágrimas que lhe saltavam dos olhos irremediavelmente...

## CRÔNICA ALEGRE

## Como se lança uma moda

NAQUELE domingo, tão cheio de sol, tão convidativo a um bom passeio fora da cidade, Jacinto e Iolanda, casadinhos de poucos meses, mas já sentindo as amargas horas das exigências dispendiosas do lar, estavam amuados. Ela, porque queria ir passar a tarde numa praia, tal como faziam as suas amigas mais íntimas, e não o podia fazer porque não tinha sapatos capazes; ele, porque não conseguira, na véspera arranjar dinheiro para que ela comprasse uns.

Era um aborrecimento bem grande, e não havia já maneira de o remediar, visto que os únicos sapatos que tinha sem estarem cambados, eram-lhe extremamente curtos e não havia possibilidade de dar meia dúzia de passadas com eles sem sofrer cruciantes dores, que a sufocavam. Tinha-os comprado a uma «contrabandista», dessas que andavam pelas casas a vender

coisas diversas a prestações e, quando percebeu o erro que cometera, a vendedora recusava-se a recebe-los de novo. Lá bonitos eram eles, mesmo muito bonitos, mas a pobre Iolanda nem por hipótese podia pensar em usá-los.

E, no meio do seu desgosto por ver aquele formosíssimo domingo perdido, ficando ali em casa, entaipada, mais uma vez a inconsolável pequena foi buscar os tais sapatos, para, mirando-os e remirando-os, lhes exprobar o mal que lhe faziam.

Ele, o Jacinto, olhava atoleimado, para aquilo tudo, sem sequer pensar numa solução para o caso, que a éle o entristecia também, porque éle adorava, como a sua mulherzita as passeiatas na praia.

Passava o tempo veloz, cheio de nùvens pesadas que caíam sôbre aquele ninho, e tudo se mantinha no mesmo estado.

Súbito, Jacinto, numa inspiração de verdadeiro génio, de

um salto vai junto de Iolanda. Arranca-lhe os sapatos das mãos e trá-los para junto de si. Examina-os cuidadosamente, por dentro e por fora, sem proferir palavra.

Ante a estupefacção dela, com um lápis traça uns riscos, quanto possível iguais, nos bicos dos sapatos e, tomando uma tesoura, cortou-os com a máxima perfeição, pelos riscos que fizera. Depois, num gesto de iluminado, verdadeiro génio da moda, disse:

— Se as senhoras andam já de pernas nuas, que importa que mostrem igualmente, as unhas dos pés, se os tiverem convenientemente lavados? Prova agora os sapatos. Vê se podes andar bem com eles.

Muda de espanto, Iolanda calçou-se. Andava perfeitamente, sem o menor incômodo. Assim que tal verificou, Jacinto, sem lhe dar tempo a raciocinar ordenou-lhe:

— Vai lavar bem os pés e, nas unhas põe-lhes do mesmo verniz que usas nas das mãos. Não me repliques, cumpre o que eu te digo...

Momentos depois saíam ambos, muito contentes, em direcção à Costa da Caparica, onde passavam uma tarde deliciosa, sendo ela alvo da inveja geral de tódas as outras senhoras que por lá andavam, por exhibir, tão naturalmente, aquele inédito motivo de elegância dos pés.

Foi um sucesso retumbante, indiscrível.

Estava lançada a moda e, agora, milhares e milhares de damas que se presam usam, nas praias e nas cidades, sapatos daquele estilo de requintado «charme», que resultou da falta de dinheiro do pobre Jacinto, o qual nem tirou patente de invenção...

Pigmaleão Pires

## DECLARO!

“ÊSTE BIOCEL  
Alimento para a pele  
é maravilhoso”

Ele prova  
que a pele  
pode  
comer



O meu médico disse-me que o Biocecel contido neste Alimento especial para a pele é obtido de animais novos cuidadosamente seleccionados. Penetra profundamente na pele e fornece-lhe o sustento que necessita para se tornar rija, fresca e jovem. Descoberto por um grande Professor da Universidade de Viena, está agora combinado com o Creme Tokalon (Côr de Rosa) nas proporções convenientes, para alimentar os tecidos cutâneos. Empregue V. Ex.<sup>a</sup> este creme à noite antes de se deitar e de manhã aplique o Creme Tokalon (Côr Branca). Em três dias éle permite-lhe começar a desembaraçar-se das imperfeições do rosto e dos músculos flácidos e enfraquecidos. No fim de experiências feitas num Hospital de Viena pelo Professor Dr. Stejszal, em senhoras de 55 a 72 anos, as rugas desapareceram no espaço de seis semanas.

A venda em tódas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa que atende na volta do correio.

MAQUINA DE ESCREVER NÃO ERA  
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas {  
Comerciais  
Portáteis  
Somar  
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

R. da Misericórdia, 20-1.º  
Telefones: 2 1802 - 2 1803

PORTO

R. Sá da Bandeira, 69-2.º  
Telefone: 1 276

VIAJAI EM PORTUGAL  
NOS COMBÓIOS DA C. P.

INFORMAÇÕES

EM TODAS AS ESTAÇÕES

EM LISBOA: No serviço do tráfego - Tel. 2 4031  
NO PORTO: Na estação de S. Bento - Tel. 1 272

# Episódios da Guerra

## A FAÇANHA DUM PILOTO

Estão-se travando combates da mais assombrosa perícia e valor que cobrem de gloria a aviação inglesa.

A guerra alastra, e, contudo, novos e velhos, mulheres e crianças, desejam ardentemente a paz.

A êste contra-senso está reduzida a pobre humanidade, quasi encurralada naquillo que pode vir a ser o maior insulto ao Criador, a saber, a Terra transformada numa prisão.

Os ingleses, que não queriam a guerra e, nem materialmente nem psicologicamente, estavam para ela preparados, tiveram de febrilmente improvisar tudo, na terra, nos ares e nos mares, para enfrentarem o inimigo que lhes levava uma astuta dianteira.

A Guerra, veio, porém, provar que os anglo-saxónicos são destemidos como os mais valorosos.

Depois do milagre de Dunquerque, deu-se o milagre que foi a Batalha de Inglaterra.

Num e noutro, os ingleses realizaram o impossível.

A aviação inglesa, — vê-se a braços com a aviação nazi, decidida a incendiar e arrasarr cidades, já que não podia destruir o indomito moral inglês.

Após mais de dois meses de luta titânica, de parte a parte, o inimigo não tinha levado a melhor e retirava-se, emfim, convencido de que tinha encontrado adversários dignos de si mesmo.

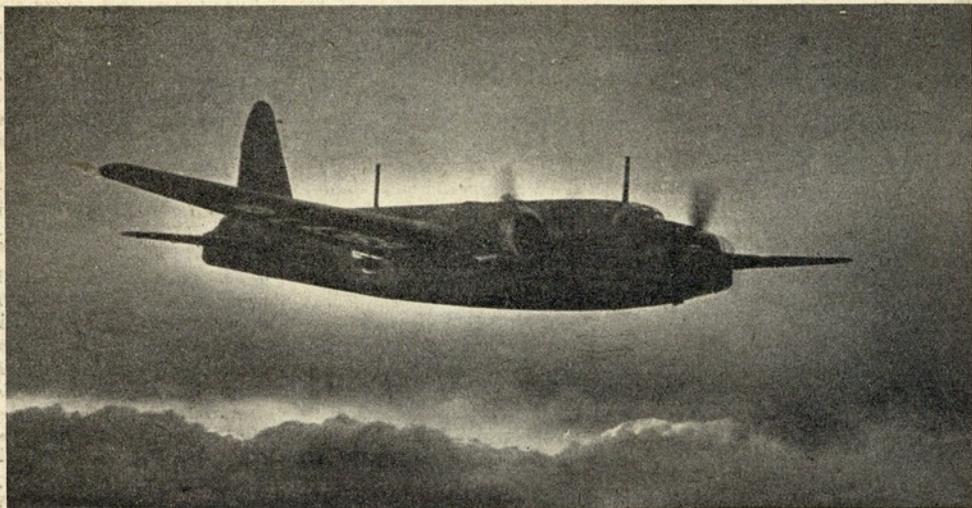
A Inglaterra tinha resistido aos milhares de bombardeiros de Goering.

A cavalaria dos ares tem já páginas imorredouras e dignas de epopeia.

E muitos dos seus melhores feitos foram escritos com a bravura e o sangue dos rapazes da R. A. F.. Estas três letras — toda a gente as conhece com admiração.

Mau foi ter começado. Assim o quiseram. Assim o tiveram. Por entre o fogo e o fumo, o ódio e a miséria, há, porém, coisas formosas e ternamente humanas, coisas que nos fazem ter ainda esperança no Homem.

Há pouco tempo uma esquadrilha de caças ingleses foi, de surtida, pelos céus livres da França ocupada. Spitfires e Hurricanes passaram a vias de facto com os Messerschmidts germânicos e, destes alguns se tinham já precipitado, feridos de morte, sobre o solo. Um caça inglês tinha também sido alcançado e ardia em chamas.



Nos ceus da Europa, a R. A. F. vigia dia e noite. Caças e bombardeiros voam constantemente no cumprimento da sua missão

O piloto despenhou-se nos ares, suspenso do seu paracaidas.

Emquanto a luta se travava nos ares franceses, um Lisandro, ao de cima do Canal da Mancha, pairava e assistia, atento, à contenda sem trégua nem mercê.

E o piloto do Lisandro notou que o seu colega ia dentro de minutos ser feito prisioneiro do inimigo.

Não se detem um instante. O instinto supre todos os reflexos cerebrais. Pode ser uma questão de minutos, de segundos. Olha em redor. Avança!

O Lisandro é aparelho fácil de manobrar. E aí vai êle, direito ao local onde o inglês desceu, envencilhado no paracaidas.

O Lisandro desce. Foi tudo obra de uns instantes. O naufrago dos ares já tem os movimentos livres e corre para o aparelho inglês que poisara em terra francesa.

O Lisandro, que tem a facilidade de levantar do solo num rasto mínimo e pode pairar nos ares e pode atirar-se a uma velocidade de 230 milhas por hora, levanta-se imediatamente e vai rasando as árvores e dizendo adeus aos habitantes.

Ergue-se agora mais e mais. E o piloto, salvo na véspera, voltou, no dia seguinte, áquilo a que Churchill, no estilo forte de Clemenceau, chama, friamente e simplesmente, — a tarefa.

A. da C.

### COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

### Paquete «ANGOLA»

sairá em princípios de Novembro recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LOANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

**Importante:** — A carga será recebida até às 20 horas do dia 26 e depois desta data até às 18 horas do dia 29 com o aumento de 20%

Para esclarecimentos e mais informações:

SÉDE: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 (6 linhas)

LISBOA

SUCURSAL: R. Infante D. Henrique 73 r/c. — tel. 1 434

PORTO

# CINEMA



Charles Boyer, que brevemente nos vai dar, no écran, uma poderosa interpretação da vida dum refugiado



Rita Johnson, a famosa intérprete de «Edie Cantor ama sêca», um filme onde há mais quarenta caras bonitas

## PRODUÇÃO

- O novo filme de Spencer Tracy e Katherine Hepburn intitula-se «The Woman of the Year». A realização é de Georges Stevens.
- Edward G. Robinson, Edward Arnold, Lorraine Day e Marsha Hunt são os intérpretes do novo filme «The New York Story».
- Entrou em produção nos estúdios da Columbia, o filme «You belong to me», com Henry Fonda e Barbara Stanwyck.
- Gary Cooper vai interpretar, para a R. K. O., o filme «Ball of Fire», que será produzido por Samuel Goldwyn.
- Shirley Temple começou o seu primeiro filme para a M. G. M. intitula-se «Kathleen». A realização foi confiada a Harold S. Bucquet.
- Dorothy Lamour renovou o seu contrato, por mais um ano, com a Paramount.
- Matt Moore participa no desempenho de «Unexpected Uncle», em produção nos estúdios da R. K. O.

## COMPLEMENTOS DE PROGRAMA

### Documentários de Guerra

**R**EFERIMOS recentemente nestas colunas que o Governo britânico, ponderando os magníficos resultados obtidos, até agora, com a produção de filmes de guerra, tinha tomado a iniciativa de promover, sob outras directrizes mais concretas, a realização duma nova série de documentários com o fim de mostrar, onde quer que fosse necessário, o que faz e como vive a vasta comunidade inglesa, qual o seu pensamento dominante, e principalmente, o potencial dos seus recursos para fazer face a todas as emergências da guerra.

A realização destas películas foram confiadas a verdadeiros especialistas do género, como Paul Rotha e Basil Wright, que trocaram a ficção dos estúdios pela realidade que lhes deparava o ar livre... Eles foram a toda a parte. Correram o país de lés a lés; devassaram todos os dispositivos de defesa; penetraram em todos os arsenais e fábricas de bombardeiros; voaram sobre o Atlântico e foram além da Mancha, para mostrar como «aquilo era...» Foram à Líbia; deram um pulo à Síria

e ao Irão; estiveram na Eritreia e no Mediterrâneo; caçaram imagens em todas as frentes; registaram o troar do canhão semeando o terror e a destruição; estiveram em todas as frentes onde o génio do mal agia em toda a sua ferocidade.

Os filmes adquirindo, assim, maior volume de verdade, tornaram mais eficaz, junto do público, o valor das coisas e dos factos, tal qual se apresentavam na sua evolução, sem artifício do espirito, numa perfeita identificação de personalidades sobre os resultados dum despecho de que já ninguém duvida... Dezenas e dezenas de comentários se produziram tendentes a justificá-lo. Alguns deles:

London can take it: — Apresentá-nos a capital inglesa sob um violento bombardeamento nocturno. No dia seguinte, o povo regressa à simplicidade da vida, à pureza das suas idéias, ao respeito de todas as crenças e à honestidade dos costumes.



Uma cena da comédia «Amor ou Negócio», que brevemente será exibido, com Brian Aherne, Claudette Colbert e Roy Miland, um trio que enche de alegria e de mocidade um filme inteiro

The Front Line: — Mostra-nos o estoicismo da população de Dover sob o fogo das baterias inimigas instaladas no outro lado da Mancha.

Neighbours under fire: — Fixa a estância de repouso de Bermuda-se, onde se refugiaram os sem-lar de outras cidades vítimas da arma aérea inimiga.

Fights Pilot: — Revela-nos a preparação dos pilotos dos aviões de caça, sua missão em combate e desprezo pela vida.

Shipbuilders: — Surpreendente pânorama da actividade

nos estaleiros, que nos mostra como em seis semanas é possível construir e lançar um navio ao mar.

Airs Crew: — Grandiosa visão duma fábrica de construção de hélices de avião. Um dos centros vitais da aeronáutica inglesa.

Fumaces of Industry: — É toda a rede dos altos fornos da indústria britânica em intensa actividade, num filme que responde a muitas perguntas.

Oportunamente nos referimos a outros documentários.

ANTÓNIO LOURENÇO

# MUNDO GRÁFICO



Londres,  
fortaleza  
inexpugnável  
do Império  
que venceu  
o "blitz" aéreo,  
sorri  
à vitória